

MIS



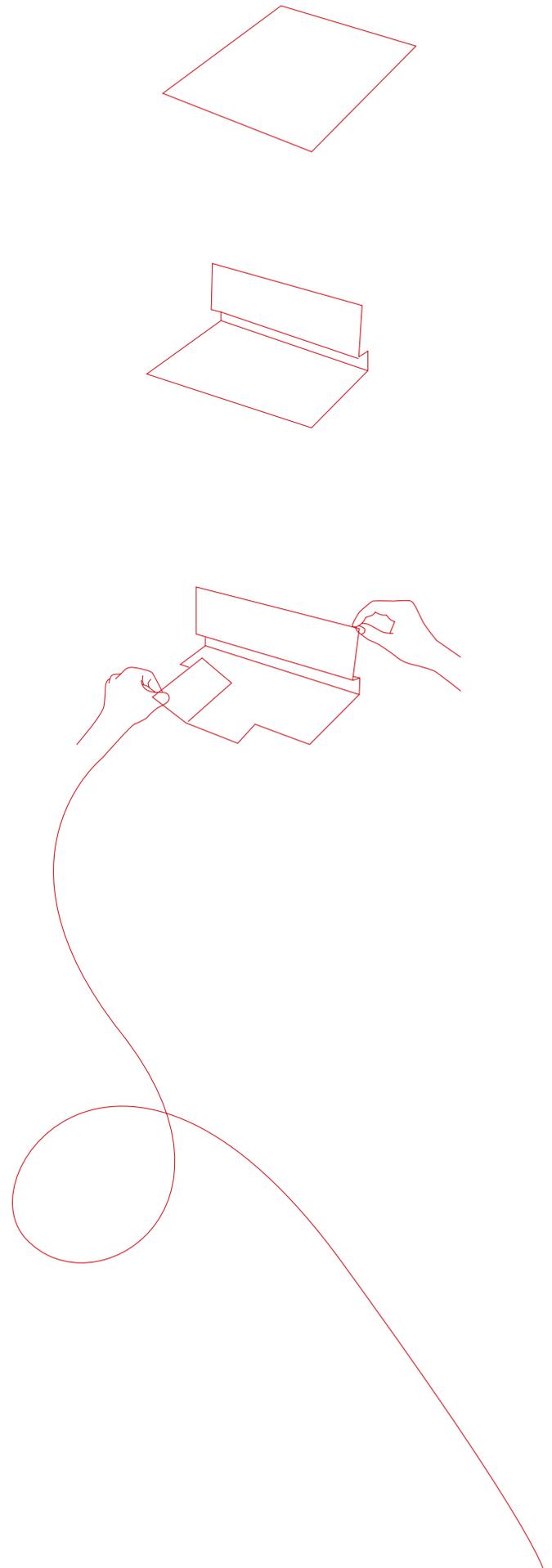
CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

MIS





Foto: Deivysom Teixeira



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

Elmano de Freitas da Costa
Governador do Estado do Ceará

Jade Afonso Romero
Vice-governadora do Estado do Ceará

Luisa Cela de Arruda Coelho
Secretária da Cultura do Estado do Ceará

INSTITUTO MIRANTE DE CULTURA E ARTE

Tiago Santana
Diretor Presidente

João Wilson Damasceno
Diretor Executivo

Marília Marinho
Diretora Administrativo-Financeira

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DO CEARÁ CHICO ALBUQUERQUE

Silas de Paula
Diretor

Zoraia Nunes
Diretora Adjunta

Analine Fernandes
Coordenadora Administrativa Financeira

César Barreto
Coordenador de Laboratórios

Iana Soares
Coordenadora de Educação e Formação

João Paulo Vieira
Coordenador de Acervo e Pesquisa

Marquinhos Abu
Coordenador de Difusão e Ação Cultural

Ricardo Avelar
Coordenador de Comunicação
e Desenvolvimento Institucional

Camile Queiroz
Assessora de Comunicação

Angelique Abreu
Gerente Operacional

Leliana Lopes
Gerente de TI

Milena Santos
Museóloga

Juliana Lins Coordenadora
de Produção



Foto: Deivyson Teixeira

instituto
mirante

M | MIS

MUSEU
DA IMAGEM
E DO SOM
CE

ceará
cultura
SECULT



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

ESTE LIVRO É INTERATIVO

O projeto Conecto é vinculado ao Museu da Imagem do Som do Ceará (MIS-CE) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com a proposta de elaborar experiências interativas alinhadas com as propostas do museu. Sua equipe multidisciplinar é composta por 10 alunos de bacharelado e mestrado dos cursos de Design, Arquitetura e Urbanismo, Sistemas e Mídias Digitais e Cinema e Audiovisual.

Diversos recursos tecnológicos, como a realidade aumentada, a visão computacional, ferramentas paramétricas e de manipulação de dados em tempo real, são usados pela equipe em criações colaborativas de experiências interativas para os visitantes e transeuntes.

Contrary to popular belief, Lorem Ipsum is not simply random text. It has roots in a piece of classical Latin literature from 45 BC, making it over 2000 years old. Richard McClintock, a Latin professor at Hampden-Sydney College in Virginia, looked up one of the more obscure Latin words, consectetur, from a Lorem Ipsum passage, and going through the cites of the word in classical literature, discovered the undoubtable source. Lorem Ipsum comes from sections 1.10.32 and 1.10.33 of "de Finibus Bonorum et Malorum" (The Extremes of Good and Evil) by Cicero, written in 45 BC. This book is a treatise on the theory of ethics, very popular during the Renaissance. The first line of Lorem Ipsum, "Lorem ipsum dolor sit amet..", comes from a line in section 1.10.32.



co.necto



célula
multimídia



LED

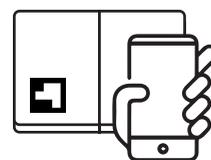


UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



Este livro é interativo.

Para ver as interações, acesse <https://ano1.mis-ce.org.br/> ou leia o QR Code ao lado com a câmera do seu celular.



Procure por esses
marcadores pelo livro

Ative a câmera
pelo site do livro

Agora é só apontar a
câmera para um marcador

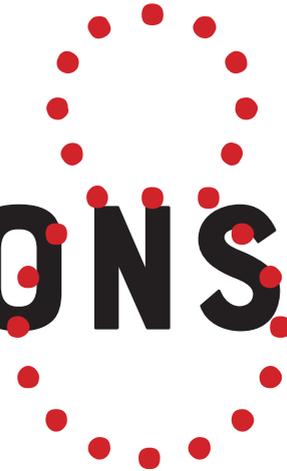
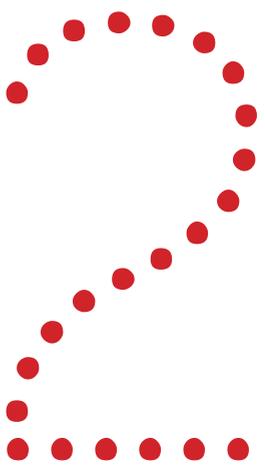
1

2

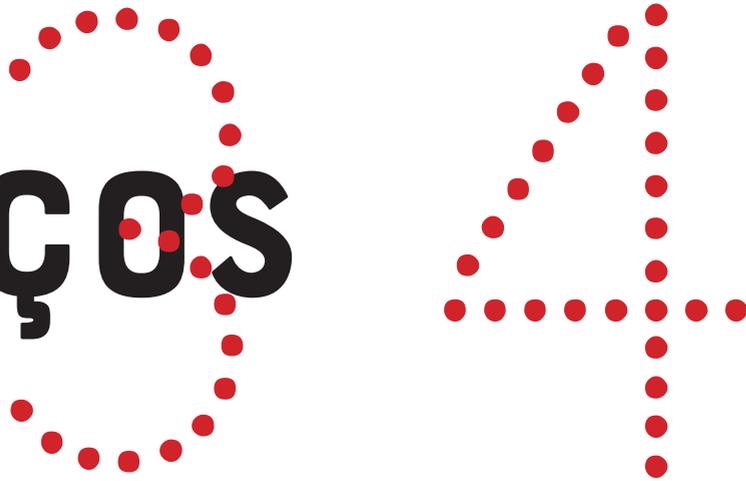
3



APRESENTAÇÃO

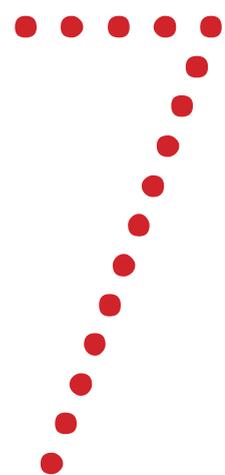
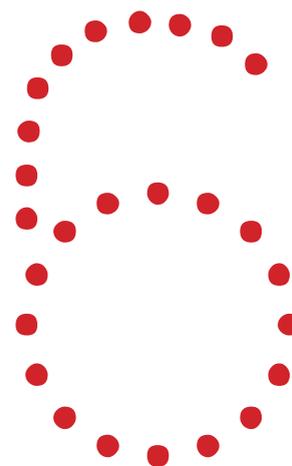


CONSTRUÇÃO



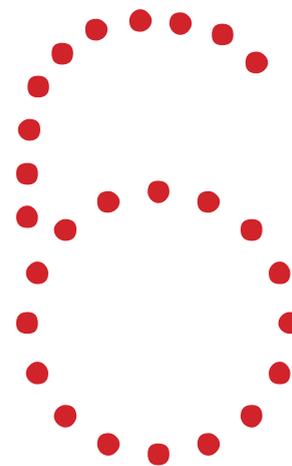
ESPAÇOS

INAUGURAÇÃO



DIFUSÃO

**EDUCAÇÃO E
FORMAÇÃO**



Apresentação

MIS-CE:

PRESEVAR, DIFUNDIR E REFLETIR SOBRE A MEMÓRIA CEARENSE

Foto: Felipe Abud

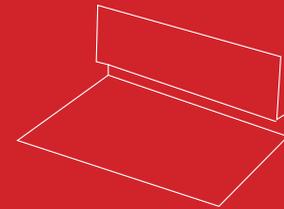
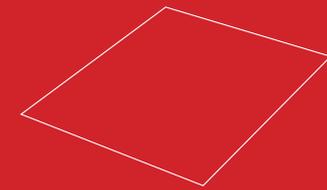


LUISA CELA
Secretária de Cultura do Ceará



O Ceará tem nos últimos anos se destacado no campo das políticas culturais, não só pelo crescente investimento mas, principalmente, por inovações no modelo de gestão e institucionalização das políticas públicas. De 2015 até o presente ano, a Secretaria da Cultura do Ceará teve um salto de mais de 300% em seu orçamento, o que representou o fortalecimento do fomento às artes e à cultura e também na ampliação da rede de equipamentos culturais, com 11 novas instituições culturais neste período. E também possibilitou o fortalecimento das ações da Secretaria, incluindo a reestruturação do órgão, a revisão da legislação específica e a formulação de novas leis, como a Lei Orgânica da Cultura, que dispõe sobre o Sistema Estadual de Cultura (Lei 18.012/2022).

A partir dessa legislação, a Secult Ceará deu um importante passo ao institucionalizar a Rede Pública de Espaços e Equipamentos Culturais do Ceará (Rece), a qual o Museu da Imagem e do Som do Ceará (MIS-CE) está integrado junto ao Complexo Cultural Estação das Artes, à Pinacoteca do Ceará, ao Cineteatro São Luiz, ao Centro Cultural Dragão do Mar, ao centenário Theatro José de Alencar, entre tantos outros.



O Museu da Imagem e do Som do Ceará, com a inauguração de seu anexo e o investimento em sua modernização, passou não só por uma ampliação física, mas de conceito, de programa e também de gestão. O Ceará inaugurou um novo complexo cultural de destaque internacional. O museu agora é equipado com ambientes com capacidade de abrigar espaços expositivos, biblioteca (física e digital), sala multiuso, auditório, laboratórios para restauro e digitalização do acervo, laboratórios de ampliação e de impressão, reserva técnica, estúdios de fotografia, vídeo e de som, ilhas de edição e sala imersiva com 10 projetores para instalações multimídia.

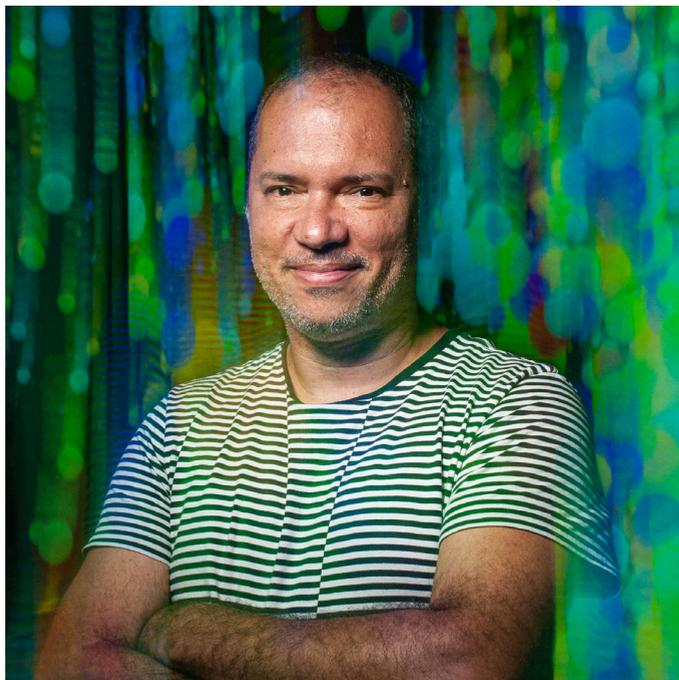
Em sua nova fase, o MIS-CE cumpre um papel importante e estratégico nessa rede cultural: o de preservar, difundir e refletir sobre a memória cearense, ao mesmo tempo em que estimula o diálogo com a produção de áudio, vídeo e imagem e com a multiplicidade de outras linguagens artísticas. Nesse sentido, em um ano de atividades de reabertura e ampliação do MIS-CE, reforçamos o convite para toda a população usufruir desse espaço público de arte e cultura que tem conectado gerações e proporcionando novas visões sobre a arte e sobre o ser e estar no mundo.

Apresentação

MIS-CE

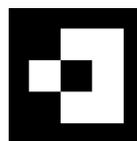
"ONTEM CHOVEU NO FUTURO"

Foto: Deivyson Teixeira



BATMAN ZAVAREZE

??????????



Você conhece os Cearás?
Assim mesmo, no plural?

Essa instalação audiovisual imersiva e extrapolada traz uma série de perguntas para as quais temos muitas poucas respostas.

Nessa obra, o mais prazeroso desafio é correr riscos. E a condição fundamental de arriscar é errar. Errar e descobrir, errar e inovar, errar e subverter, enfim, errar e aprender.

Esse Museu, como os muitos Cearás, é infinito.

Com potentes projetores apontados para todas as superfícies possíveis e som ambissônico, a instalação nos abraça e nos leva ao epicentro dessas telas expandidas. Trata-se de um mergulho. Nada é certo e conclusivo nessa obra. Tampouco ela pretende ser definitiva, portanto não estranhe se perder o chão.

A experiência audiovisual imersiva é uma das possibilidades de nos libertarmos da realidade.

Você, espectador-ator, é um voador que vai contracenar com a história que está sendo contada, sempre estando dentro dela. Assim sendo, se deixe voar. Voe. Não se limite a ver e ouvir. Se aproprie de um jargão poético pantaneiro que diz: "quer ver, escute". Embaralhe seus sentidos e tente **OUVER**.

De forma inquieta, intuitiva, indisciplinada, mas sempre fundamentada, aqui estão diversos fragmentos artísticos costurados coletivamente na sua confecção artesanal-digital e, também, na escolha dos artistas cearenses e suas respectivas obras.

No encanto das viagens pelos muitos Cearás que conheci, escutei uma das imagens mais exuberantes: **Tá Bonito Pra Chover.**

Ela tem urgência, vitalidade, imaginação e poesia.

É possível fechar os olhos e escutar a chuva no futuro.

Esse projeto artístico inaugural que abriga a instalação **ONTEM CHOVEU NO FUTURO** tem um projeto formativo complementar à aula-magna **EU ME INTERESSO PELAS COISAS QUE NUNCA FIZ**, realizada na inauguração desse espaço, bem como, um ateliê imersivo **MESTRE É QUEM DE REPENTE APRENDE**** onde compartilhamos com os artistas locais todo o nosso processo técnico-criativo.

O educador e revolucionário **Paulo Freire**, com sua pedagogia da autonomia (e da curiosidade), afirmava: **“Aprendamos, ensinando-nos.”**

O processo de criação e construção foi e sempre será feito de primeiros passos, com um coletivo de saberes, de seres que se complementam com suas potências e limitações para uma entrega amorosa.

Essa obra é, intencionalmente, inacabada porque ela não tem início e nunca terá fim.

Entre à hora que desejar e não saia nunca.

Essa obra é um percurso de muitas escutas, rupturas, afetos, pontes para enxergarmos melhor um outro mundo, um mundo que ainda não existe, mas que jamais desistiremos de construí-lo.

Batman Zavareze

*Autor e Diretor geral da obra **ONTEM CHOVEU NO FUTURO****

***ONTEM CHOVEU NO FUTURO;** título colhido da poesia *DIA UM, no capítulo OS DESLIMITES DA PALAVRA do livro O LIVRO DAS IGNORÂNCAS, de Manoel da Barros.*

****MESTRE É QUEM DE REPENTE APRENDE;** frase do escritor Guimarães Rosa.



Créditos_ONTEM CHOVEU NO FUTURO

Uma obra de Batman Zavareze

Título colhido da poesia de Manoel de Barros

Créditos da Obra Cearás:

Idealização e Direção Geral: **Batman Zavareze**

Roteirista: **Bebeto Abrantes**

Colaboração no Texto: **Iana Soares**

Voz: **Silvero Pereira**

Artista Residente [Crato_Ceará]: **Rafa Diniz**

Produção Local: **André Scarlazzari**

Pesquisador de Imagem e Som: **Joe Pimentel**

Direção de Animação: **Eduardo Souza**

Partículas: **Ateliê Digital Analógico**

Animação: **Rodrigo da Conceição**

Edição: **João Oliveira**

Música e Desenho Sonoro: **Nado Leal**

Design: **Leo Eyer**

Produção Executiva: **Patrícia Bárbara**

Gestão Financeira: **Mirian Peruch**

Contabilidade: **Macedo & Muzzio**

Realização: **27 Mais 1 Comunicação Visual**

Artistas expostos:

Chico Gomes, Davi Pinheiro Santos, Hélio Rola, Mestre Julio Santos, Patativa do Assaré, Tibico Brasil e o homenageado Chico Albuquerque.

Músicas:

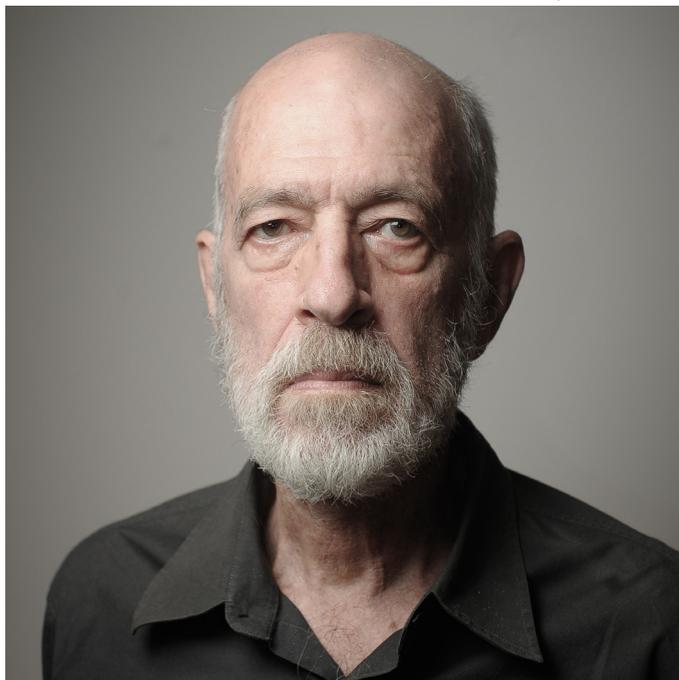
Alberto Nepomuceno [Alvorada na Serra], Leopoldo Miguez [Ave libertas] e composições autorais.

Apresentação

MIS - CE

EM DIREÇÃO A UM FUTURO MAIS JUSTO

Foto: Deivyson Teixeira



SILAS DE PAULA

Diretor do Museu da Imagem e do Som



O Museu da Imagem e do Som Chico Albuquerque, inaugurado em 1980 e instalado no subsolo do prédio da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, foi reestruturado no dia 7 de agosto de 1996 em sua atual sede, situada na avenida Barão de Studart, 410. Nesse processo, teve seu acervo ampliado ao receber equipamentos e documentos do Centro de Referência Cultural (CERES), além de uma coleção de filmes da TV Educativa.

A casa que hoje abriga o museu foi projetada pelo arquiteto José Barros Maia para ser residência do Senador Fausto Augusto Borges Cabral, sendo inaugurada em novembro de 1951. Desapropriada pelo Governo Estadual, foi feita sede do Museu Antropológico do Ceará, que ali funcionou até 1990, dando lugar ao MIS em 1996. Em 2018, passa por uma reestruturação com a construção de uma praça e um prédio de cinco andares, projeto do arquiteto José Manuel Carvalho Araújo.

Celebrando um ano de sua [re]inauguração feita no dia 31 de março de 2022, realizada pelo Governador Camilo Santana e o Secretário de Cultura Fabiano Piuba, o MIS procura, cada vez mais, ser um espaço que coloca em diálogo vivo memória e contemporaneidade, investigação técnica, científica, compartilha-

mento de processos e ampliação do acesso a inovações no campo da imagem e do som. Ao integrar memória e contemporaneidade, o Museu preserva e estimula a produção cultural no estado do Ceará compartilhando e interagindo com todos os públicos interessados, sem deixar de atender à documentação e conservação de importantes legados artísticos ligados à sua vocação, mantendo um ambiente de pesquisa que permita a sustentabilidade e qualidade dos processos técnicos, educativos, de formação e entretenimento da instituição. Ampliando o acesso aos bens culturais em sua pluralidade e em consonância com as novas linguagens da arte contemporânea, o MIS estimula os olhares para o artístico e o cultural, bem como atualiza seu papel de museu de maneira efetiva, direcionando suas ações para criar um ambiente efervescente com um olhar para a memória e o novo.

Conceitualmente, propusemos a Simpoiesis, que significa “fazer com”, como categoria máxima do processo. Lembrando Donna Haraway (2016) em seu livro *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*,

[...] nada se faz por si; nada é realmente autopoiesis ou auto-organizado. Nas palavras do world game do computador dos Inupiat (nativos do Alasca), os terrestres nunca estão sozinhos. Essa é a implicação radical do conceito. Simpoiesis é uma palavra apropriada para sistemas históricos complexos, dinâmicos, sensíveis e situados, uma palavra para “criando o mundo com”, “juntos”.

Um museu público pertence às comunidades e são elas que darão apoio contínuo se fizerem parte do processo – comunidades, no plural, para enfrentar os desafios de romper com o tratamento seletivo dos bens patrimoniais e culto à identidade genérica (inflação do patrimônio histórico) que não privilegia a heterogeneidade das culturas. Os museus não têm fins lucrativos, são participativos, transparentes e trabalham em parceria ativa com grupos diversos para coletar, preservar, pesquisar, interpretar, exibir e aprimorar entendimentos do mundo, objetivando contribuir para a dignidade humana, justiça social, bem-estar e igualdade global.

O que pretendemos é dar ênfase à informação/educação proporcionada pelo MIS, que tem também como tarefa, disponibilizar mensagens artísticas e sociais para o seu públi-

co, construindo processos experimentais mais democráticos e colocando um ponto de interrogação nas estruturas conservadoras. O maior desafio tem sido como e o que disponibilizar para o público. Além das propostas internas, é necessário, ainda, receber as demandas e construir processos mais inclusivos colocando um ponto de interrogação nas estruturas conservadoras. A nossa grande questão é ouvir e trabalhar junto aos diversos grupos que têm sido invisibilizados em um processo perene de não-atenção. Com tecnologias adquiridas, uma equipe criativa e espaços abertos sem exclusão, nós podemos caminhar não esquecendo o passado, e sim relacionando-o com o futuro e o papel do MIS na contemporaneidade.

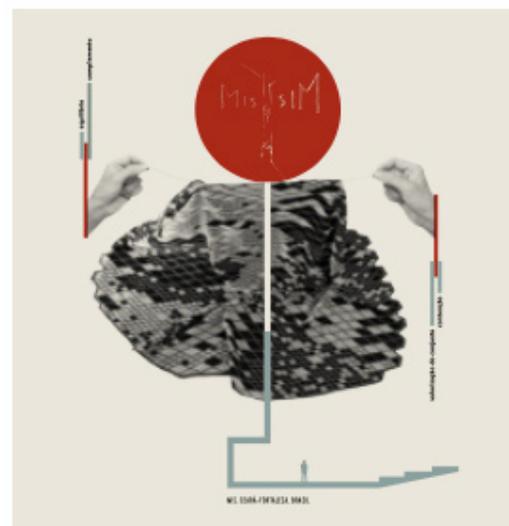
O Museu, além de ter sua política de acervo interdisciplinar com vistas à preservação, é também laboratório, sendo um espaço de experimentação crítica que procura um recorte para sua atuação - encontrar sua cara. Imagem e som funcionam como um grande guarda-chuva que nos norteia, e entendemos que é muito amplo. Não é fácil e é um trabalho em progresso. É necessário criar parcerias, prestar serviços e procurar patrocínios. Nos processos criativos, arte e tecnologia são caminhos para um pensar com imagens e sons e, com isso, resistir – mas essa resistência vem como um problema efetivamente imagético/sonoro. Não uma modalidade de resistir pela transmissão de mensagens ou de conscientização quanto a maneiras de estar no mundo. Aqui não se trata de uma relação criada fora da imagem e som. É fundamental uma apreensão do objeto estético nos corpos, nos gestos, nas posturas, como um processo produtor de pensamento, como modalidade de pensar com imagens sonoras que promovam, no corpo a corpo com o mundo, interferências e transformações para romper com estruturas conservadoras do passado e caminhar coletivamente em direção a um futuro mais justo.



Apresentação

MIS - CE

????



No dia 25 de Março de 2022, nós iniciamos uma nova viagem para Fortaleza. Foi da mesma forma como fizemos com nossas viagens anteriores. O mesmo ritual: primeiro, a escolha dos transportes e segundo, a organização de roteiro do nosso percurso. Ambos somados aos demais hábitos e costumes organizacionais pré-jornada. O que comer, falar e decidir. Esses momentos parecem sempre ser uma oportunidade para arrumarmos as ideias. Mas essa viagem era feita com uma expectativa diferente. Acompanhar a concretização de um conjunto de obras que possuía a grandeza e dimensão que teriam o MIS, o Complexo Cultural Estação das Artes e o Centro Cultural do Cariri não era coisa simples e corriqueira.

Esperávamos nesse momento a possibilidade de renovar o entusiasmo em relação a um processo que já era longo e, também, de relembrar as ideias e formas de estar que nos motivaram para a construção daqueles espaços. Achamos sempre que aprendemos algo a mais nesses trabalhos e que serve para aproveitar os próximos. Ainda assim, há sempre novas variáveis, outros tempos e pessoas. Novos desafios requerem um misto de segurança no conhecimento cumulativo, junto à espontaneidade de começar do zero.

Teria esta trilogia de equipamentos culturais, da qual o MIS é a pedra de toque, o impacto no panorama cultural cearense que ambicionávamos?

Foto: Arquiteto e Arquivo MIS

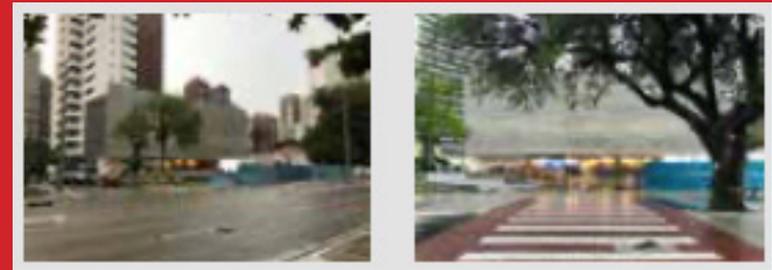


????
???????

Já em Fortaleza, nossos primeiros dias são preenchidos com os mesmos rituais entre as novidades ocasionais. O passeio matinal pela marginal até à igreja de São Pedro dos Pescadores; o comentário sobre o calçadão em transformação; o anseio por um mergulho no mar imenso; a saliva por uma moqueca no La Vilany; entre outras apreciações e visitas.

Pela manhã do dia 29 sobe-se o pano! Os primeiros painéis de vedação provisória da obra começam a ser retirados. Era um momento especial. A chuva veio nos cumprimentar e um abrigo amigável na guarita do Palácio da Abolição foi disponibilizado para nós. Juntos ao militar de serviço, assistíamos aos tapumes caírem lentamente. Nós segurávamos um guarda-chuva numa mão e uma câmara fotográfica na outra.

Foto: Arquivo MIS (Espaços do Instituto Mirante)



Aos poucos fomos explicando ao militar do Palácio da Abolição o que era o MIS. Nós dissemos que havia mais dois pisos no subsolo, e que não tinha qualquer vedação. Que debaixo da arquibancada era possível ver algumas salas de trabalho; que a parede de concreto era uma enorme tela para cinema e que dava pra entrar por baixo dessa grande parede através de uma “janela” baixa, onde ficava a recepção.

A surpresa de quem comprova aquele momento de revelação nos deu renovada confiança. Foi a entonação pueril daquele militar com olhar emocionado que exclama “verdade! tem tudo isso!”, tal como palavra encantada de fraseado brasileiro, que nos permitiu perceber que a proposta para o novo edifício do MIS cumpriria com as expectativas que desejávamos. Ali, o olhar crítico do arquiteto, que procura corrigir o erro e melhorar cada detalhe, sucumbe com a queda do último tapume da obra. Em câmara lenta o novo MIS assumia sua posição no espaço urbano.

Naquela noite, a multidão aguardava uma palavra de ordem para o início da inauguração do MIS, sem perceber que essa já estava sendo feita. As pessoas já sentavam nas arquibancadas, viam a imensa projeção de imagens da fachada de concreto e faziam pose de passarela em frente ao ecrã, onde corria a imagem videográfica do MIS em contraluz. Por ali, circulavam livres na praça, não sabendo que o faziam por cima da sala principal, que ocupava dois pisos de altura no subsolo.

Foto: Arquivo MIS (Espaços do Instituto Mirante)

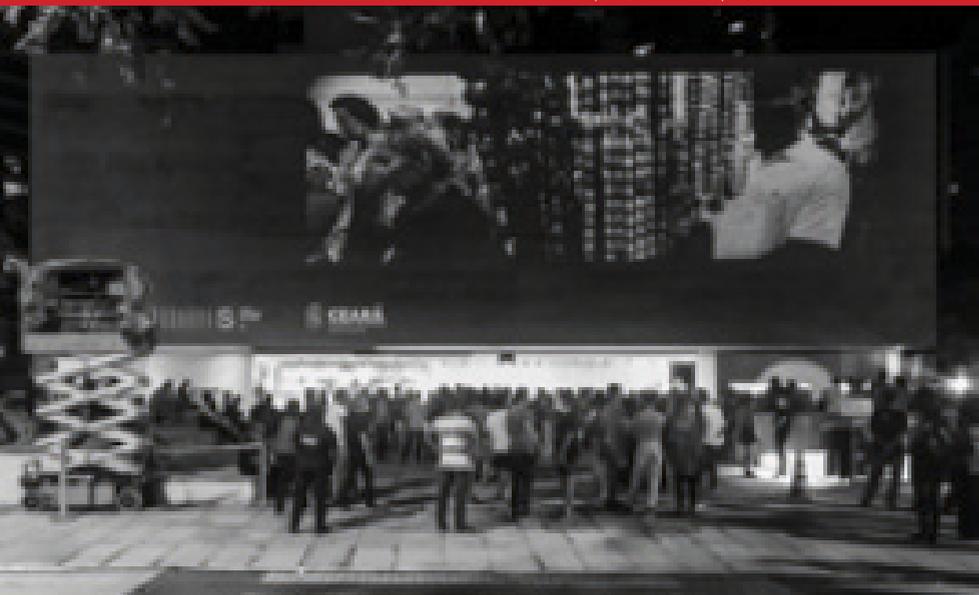
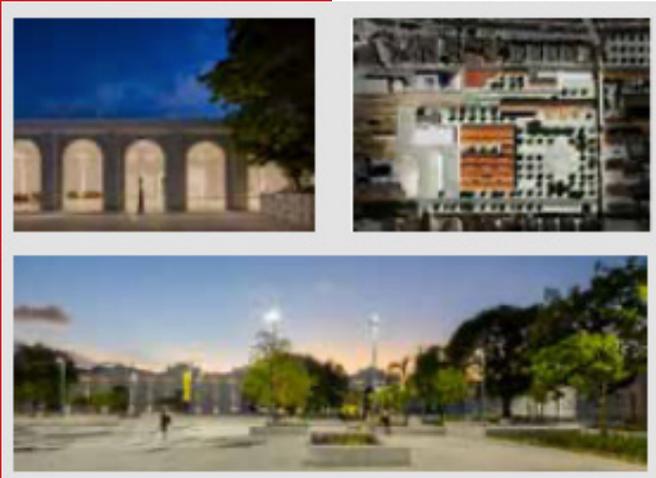


Foto: Arquivo MIS
(Espaços do Instituto Mirante)



Perceberam que o recuo da construção criava um espaço de preparação que intensificava a experiência de revelação do interior do edifício. A multidão estava maravilhada. Após percorrerem os interiores, todos pareciam surpresos ao descobrir aquelas novidades não antecipadas. O pequeno anexo abarcava mais coisas do que parecia ser possível. Seria essa a grandeza e encanto do MIS? Percebi a lua brilhando intensamente, o que me fez lembrar de alguém dizendo que o Complexo Cultural Estação das Artes é para apreciação diurna e o MIS, noturna. Talvez... A penumbra, de certo, torna o MIS um ambiente mais intimista e à noite tudo ganha um certo resplendor. Talvez o MIS esteja destinado a criar luz e a Estação das Artes a recebê-la.

Nós sentíamos enorme responsabilidade sobre o que iria resultar deste novo edifício. O conjunto do Palácio da Abolição é um exemplar lindíssimo de arquitetura e nós não queríamos que o MIS o sobressaísse.

O projeto do novo MIS foi um pedido para construção de um edifício anexo ao MIS-CE, já existente na Avenida Barão de Studart. Um lugar destinado a preservar arquivos, operar serviços administrativos e complementá-los com áreas técnicas que a casa existente não conseguia comportar por sua dimensão reduzida.

O que aparentava ser uma encomenda menor, era para nós um desafio instigante. Respaldados pela ideia de que estávamos desenvolvendo apenas um anexo, avançávamos no conceito de edifício complementar, subalterno ao MIS-CE existente e “assombrado” pela importância e beleza do conjunto do Palácio da Abolição. Este último localizado no outro lado da rua, na quadra em frente.



Foto: Arquivo MIS (Espaços do Instituto Mirante)

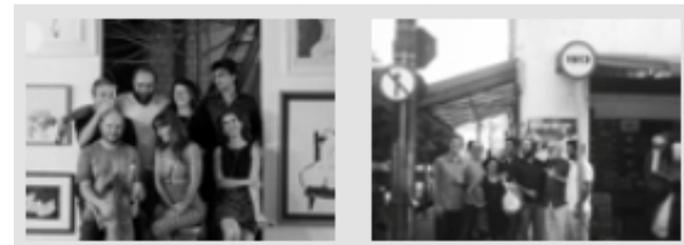


Foto: Arquivo MIS (Espaços do Instituto Mirante)



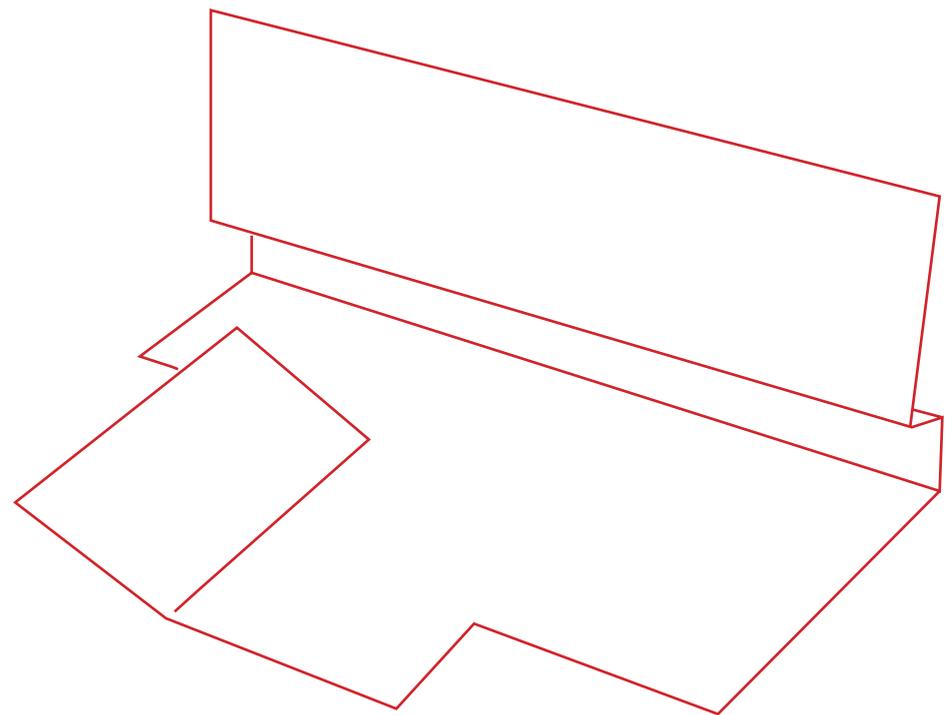
Sentados num boteco ao lado da antiga Escola Jesus, Maria e José, situada no coração da cidade histórica, nós tínhamos conversas intensas com o Tiago e o Silas sobre o projeto E33 e as paixões desta cidade esquecida, unindo-as à cidade imaginada. Falávamos sobre como era necessário tornar essa evidência, de fato, evidente. É importante para nós que o MIS tenha a capacidade de comunicar a cidade às pessoas, evidenciando seus processos históricos e criando novos desenvolvimentos, a partir da imagem e do som.

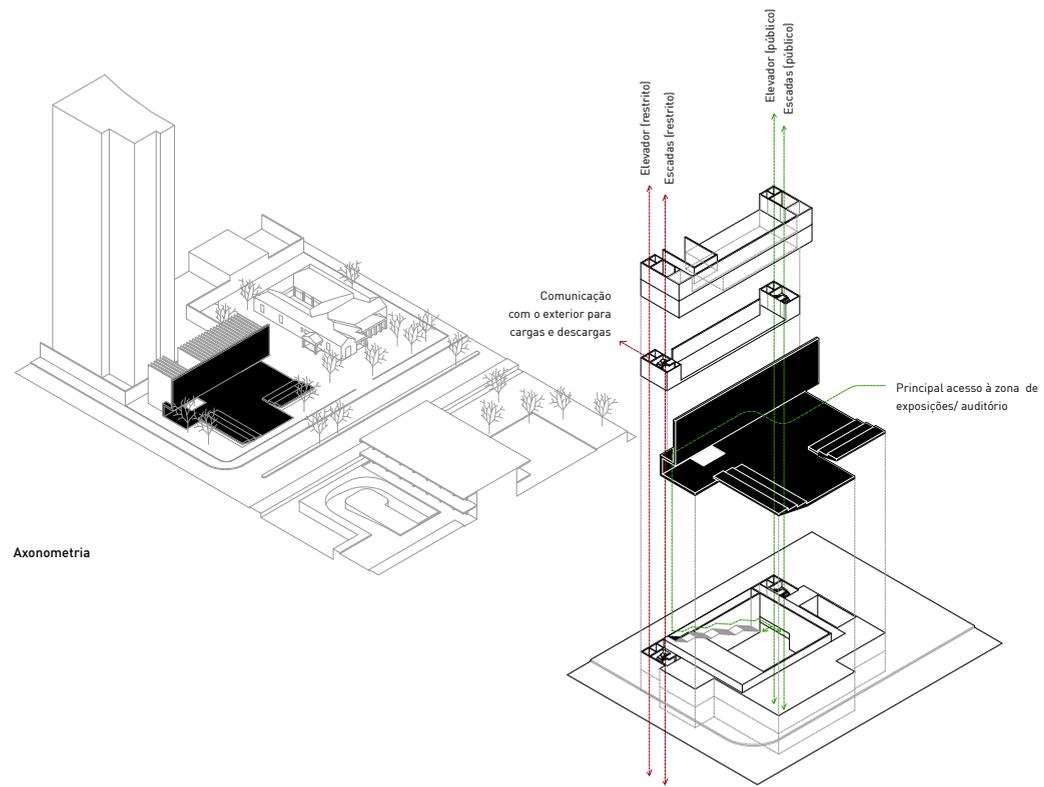
Sonhávamos uma ideia. Pensamos até em investir no boteco ao lado do E33, fazendo um pequeno projeto, o que era somente um ato simbólico do compromisso e do entusiasmo que estávamos tendo, e não uma ambição material e concreta. A estrutura urbana de Fortaleza tinha um potencial que nos inspirava, e em particular, o seu centro histórico. Dizíamos que havia muito por fazer, mas que Fortaleza era uma cidade ímpar para cumprirmos esse desafio.

Foi com base no diálogo e respeito pelo MIS-CE, Palácio da Abolição e posição destes no contexto urbano (em meio a torres residenciais cuja altura sabíamos que nunca iríamos superar), que o projeto avançou.

No ateliê chamávamos este projeto de MIS | SIM. Foi, aliás, um dos primeiros esboços feitos para ele, brincando com a simetria gráfica do anagrama. SIM pela possibilidade, pelo desafio, por essa imagem espelhada, alter-ego do edifício existente. SIM pelo espaço de liberdade, espaço de cultura de oportunidade onde tudo haveria de ser possível. SIM, porque pretendíamos ir um pouco além do que nos era pedido. Finalmente, porque fomos abraçados pelo Ceará e por Fortaleza, onde fizemos amigos com grande abertura para a descoberta e experimentação.

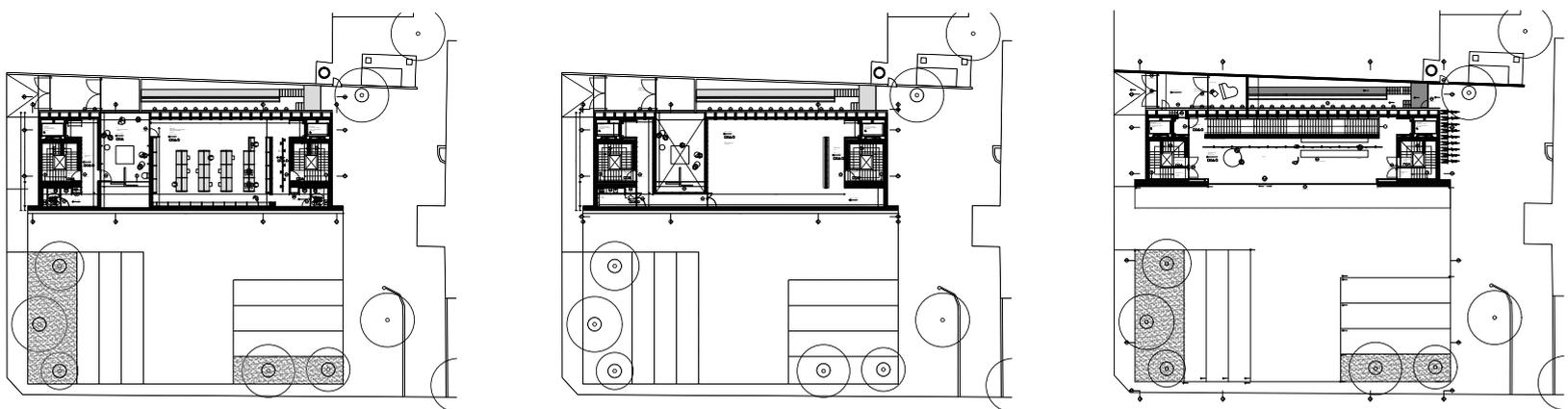
O Rian nos levou para conhecer a cidade velha. Dali de seu galpão, seu mundo, lugar de produção de sua arte, conversamos sobre a cidade oculta, antiga, esquecida. Riqueza maior de Fortaleza que nos importava retomar. O MIS carrega a importância de seu percurso já feito em Fortaleza, que o antecede e justifica. Não haveria a ambição do MIS sem a compreensão da cidade, e nem o encanto que a cidade histórica exerceu sobre nós. Muito menos sem a ideia de que esses conhecimentos deveriam ser divulgados e partilhados.





Axonometria

Esquema de Circulação



Não haveria MIS sem a ideia de que era fundamental termos um lugar onde pudéssemos pensar e redescobrir o que Fortaleza nos comunica. Faz-se necessário encontrar nas múltiplas identidades urbanas uma referência e um processo de participação popular na definição dos lugares onde queremos viver.

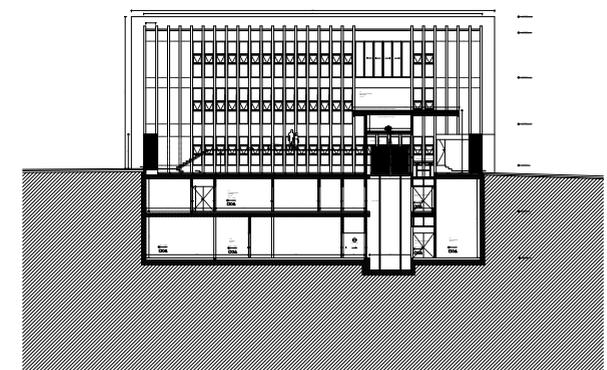
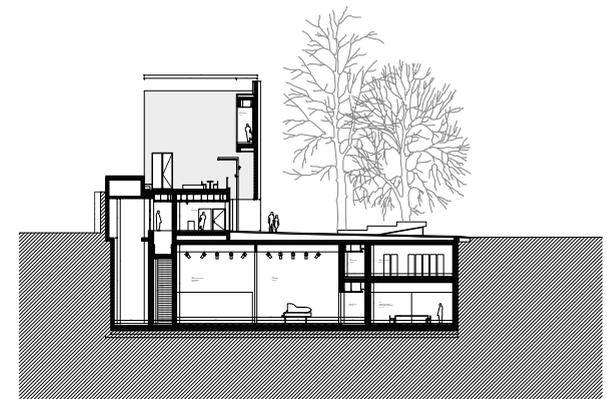
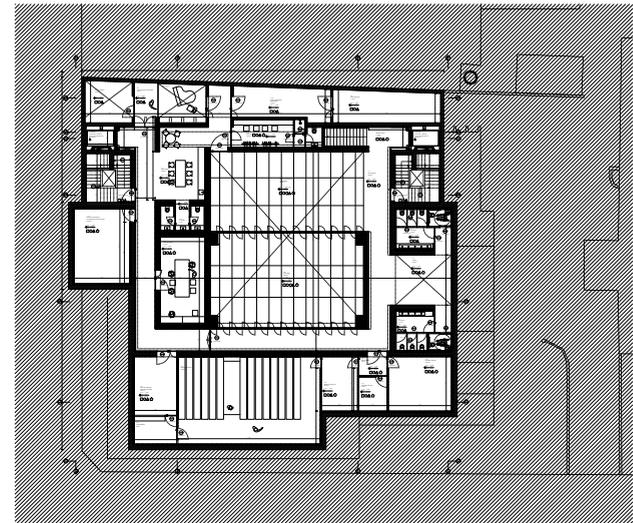
Nos apoiamos no conceito de escala urbana para o projeto do MIS. Queríamos criar uma plataforma de valorização do espaço público que fosse aberto, sem vedação, em uma relação de diálogo com o que o envolve. O projeto foi pensado para funcionar como uma peça de mobiliário urbano, em que a primeira sala do conjunto fosse no espaço exterior, com utilidade acessível e pública.

Com o início da construção, o pequeno anexo começou a ganhar escala, autonomia e identidade. De repente, mudou-se o paradigma. O edifício começou a revelar qualidade de espaços apetecíveis, passando a acomodar mais programas expositivos em vez de espaços administrativos e secundários.

Um mundo interior vai se revelando a partir do átrio: uma sala longa, aberta para a praça e arquibancadas a partir de uma janela baixa, por baixo da tela de concreto. Este espaço organiza e distribui a relação entre o MIS de luz e o de sombra. Compreende do MIS que se eleva três pisos acima da rua, com janelas verticais que dialogam com torres residenciais na fachada de trás, ao MIS que se revela no subsolo e protege-se da luz, na intimidade.

Por trás da parede de fundo do átrio, uma escada linear nos transporta sem barreiras para dois pisos abaixo, juntamente com alguma luz vinda das janelas, que aos poucos desvanece. Entramos no grande espaço de exposição com dupla altura, por baixo da praça, que se transforma num espaço para a projeção em vídeo mapping.

À sua volta estão dois pisos contendo arquivos, preservação documental, câmaras escuras, régie, salas técnicas, salas de reunião e apoio à performance do espaço central. Estes organizam-se num corredor anelar, cujas extremidades ligam as escadas, elevadores e um grande montacargas de transporte de itens maiores, a uma entrada de serviço lateral com saída independente.



Já a subida ocorre de forma diferente. Uma escada oculta refugia-se na penumbra, criando um contraste que intensifica o clímax do encontro do visitante com a luz natural das duas salas superiores: uma biblioteca e uma sala de exposições.

O equilíbrio delicado do jogo de luz das janelas ritmadas, na fachada de trás, emoldura uma paisagem urbana que se revela como cenário de fundo das salas e acentua o brilho recortado. O interior expõe-se integralmente. Um ritmo de pilares eleva-se como composição principal da fachada, sobranceiros à cobertura, como se fossem um pórtico destinado a suportar a grande parede de concreto dessa fachada.

Separa-se aqui claramente “escultura” de concreto, dobrada num plano vertical e horizontal como uma folha de papel, que estabelece de forma autônoma o espaço exterior de eventos urbanos. Esse último compõe a arquibancada e o palco, que se diferenciam do volume atrás, que contém os espaços das salas superiores, tendo um acabamento de cor escura, para que se anule como qualquer espaço técnico por trás de uma cena, de um palco que se queira mostrar.

O programa foi evoluindo, o que o levou a alterações e ajustes para melhor execução e resultado. Ainda assim, o projeto preservou as principais convicções que o acompanharam desde as primeiras ideias, orientadas para criação de um edifício adjacente, menor.

Ele foi sempre entendido como uma grande sala de estar exterior. Um tapete estendido e criado para inspirar um cenário performativo. Ao final, continuou a ser um complemento amoldado à casa principal já existente, acomodado no limite do terreno, recuado, minimizando o impacto da altura de uma torre habitacional vizinha, e criando à frente essa nova praça, com arquibancadas voltadas para a tela vertical de concreto.

Hoje, do outro lado do Atlântico, a luz do MIS nos chega todos os dias. Imagens, vídeos e notícias do dinamismo das programações e utilização dos espaços nos mostram a concretização dessas potencialidades imaginadas e o anúncio de outras por descobrir. O MIS | SIM está, agora, entregue à cidade de Fortaleza. Esperamos apenas que Fortaleza se entregue ao MIS.

Foto: Arquivo MIS (Espaços do Instituto Mirante)

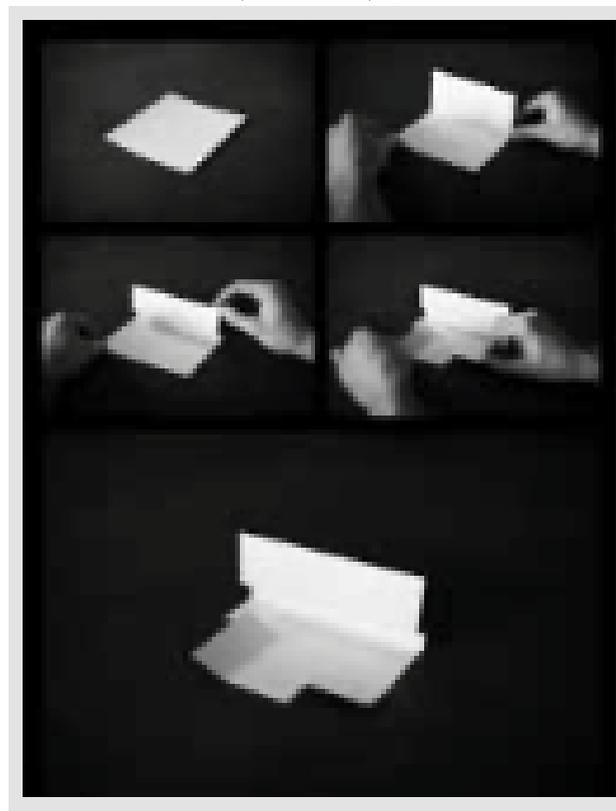


Foto: Arquivo MIS (Espaços do Instituto Mirante)

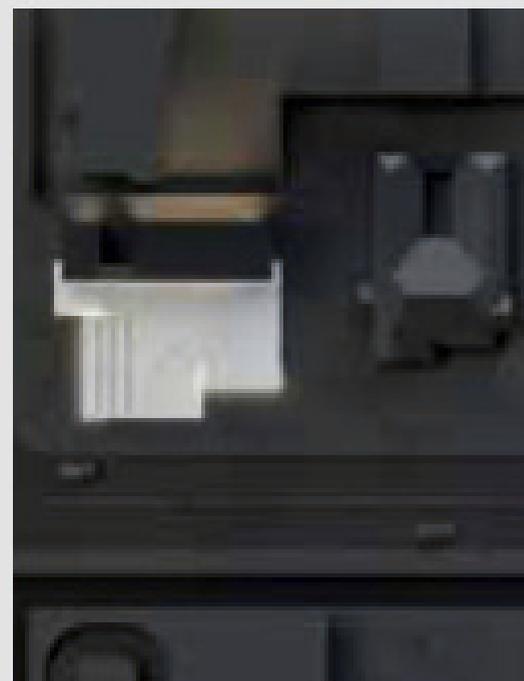
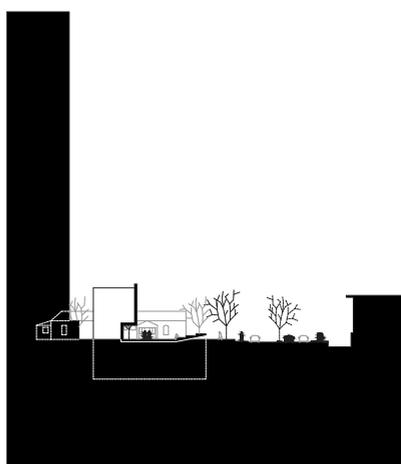
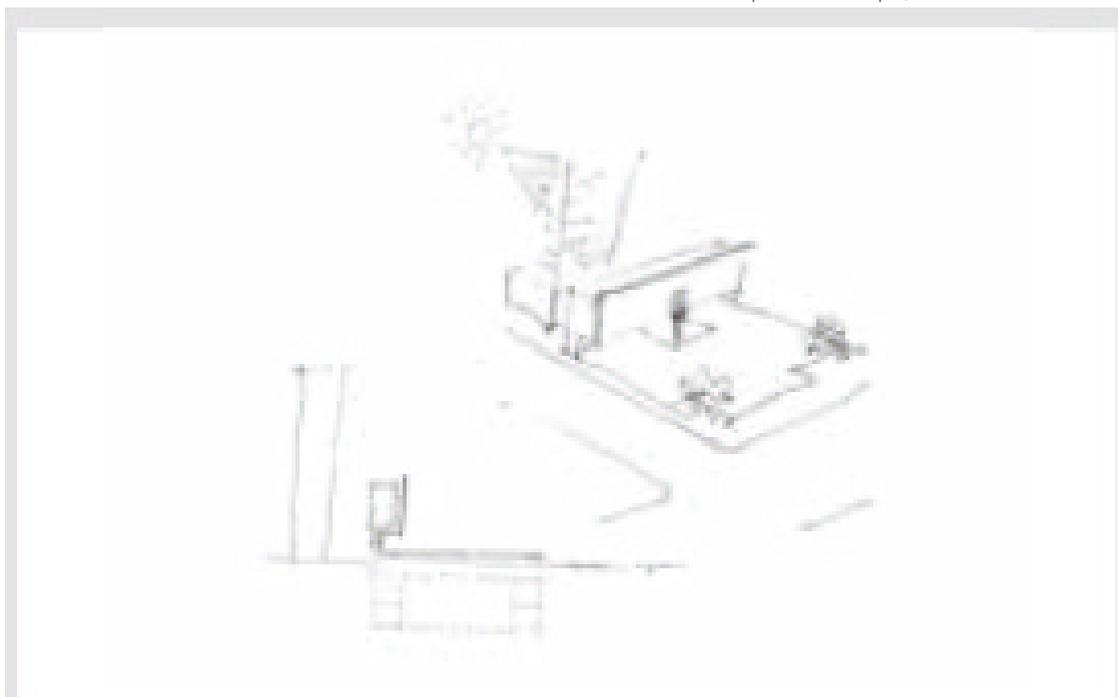






Foto: Eduardo Abreu

MIS

CONSTRUÇÃO

Foto: Lia de Paula





Foto: Lia de Paula e Arquivo MIS



Foto: Lia de Paula e Arquivo MIS





Foto: Arquivo MIS



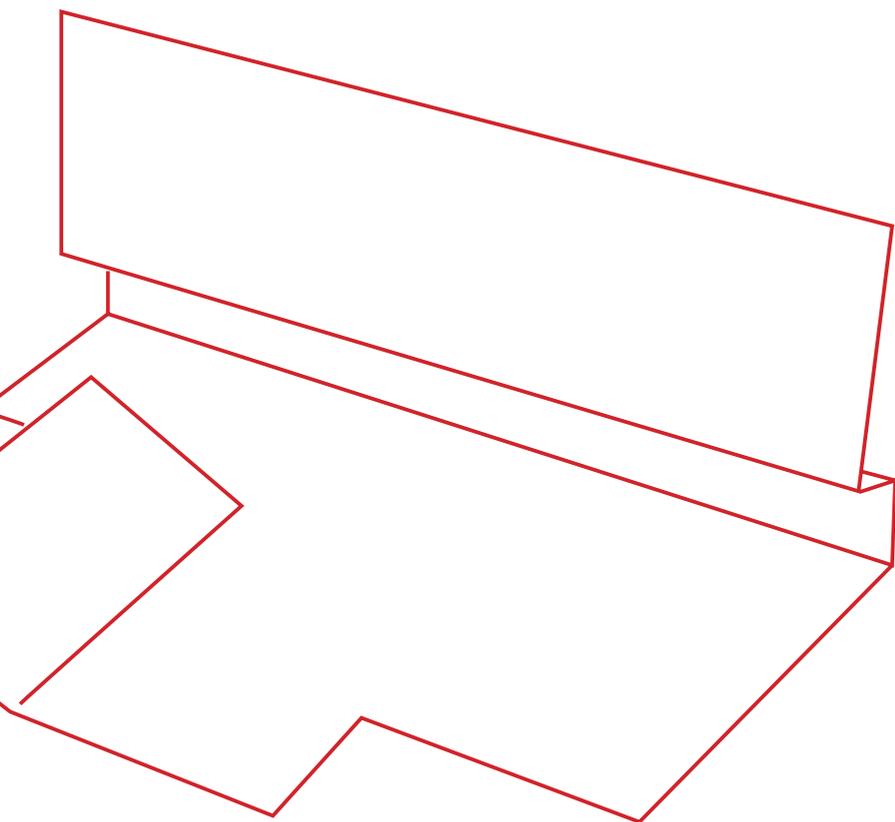
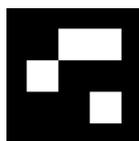
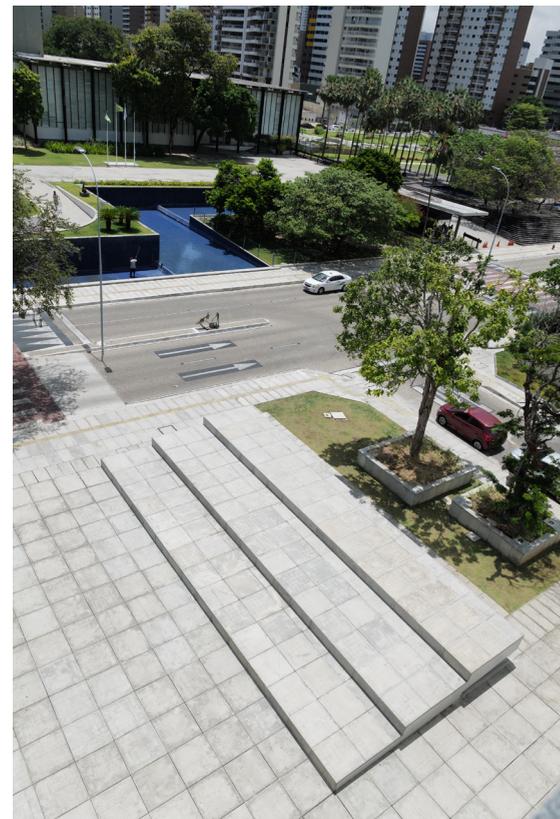


Foto: Deivyson Teixeira





Fotos: Deivyson Teixeira



PRAÇA

RECEPÇÃO



Fotos: Deivyson Teixeira

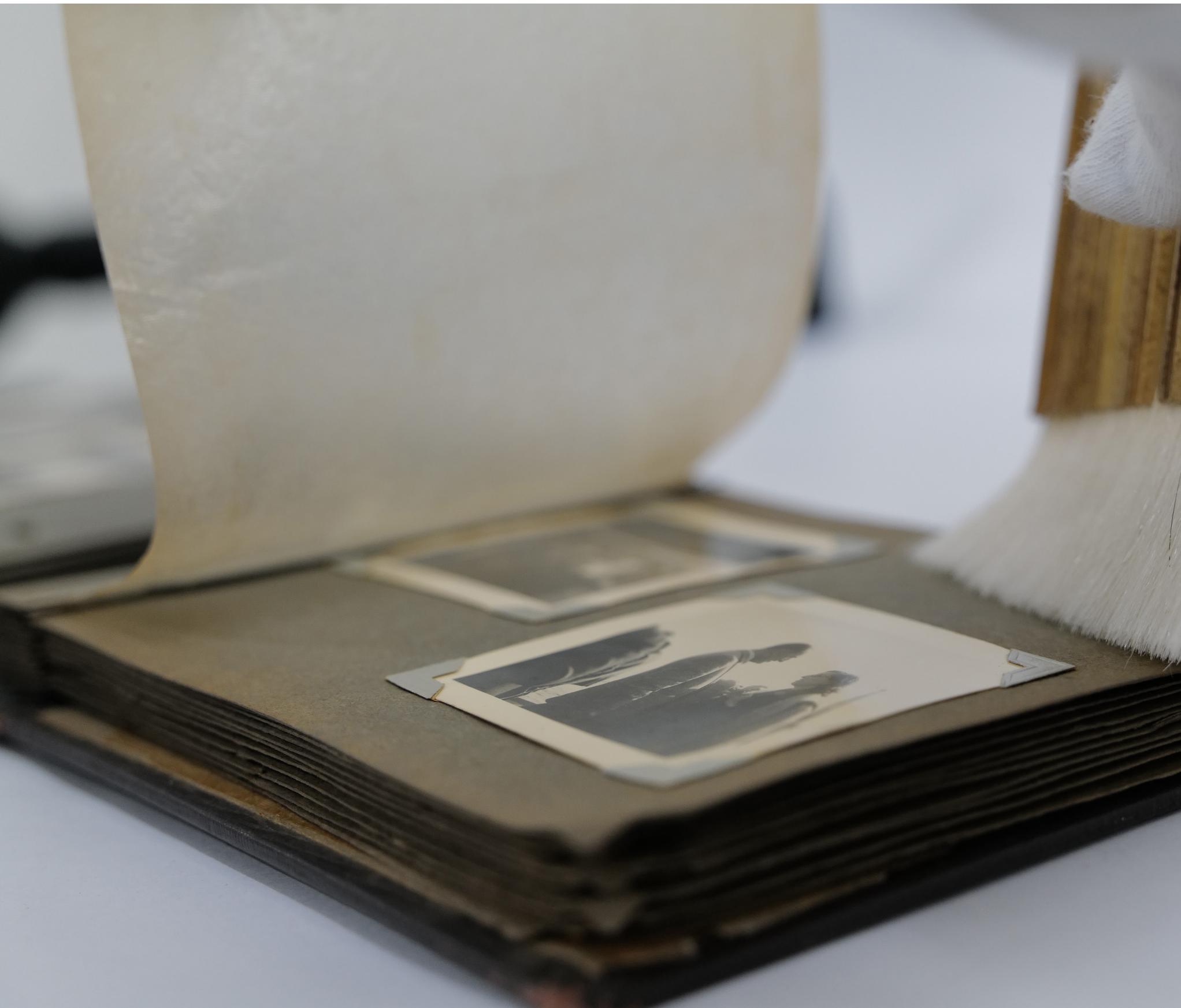


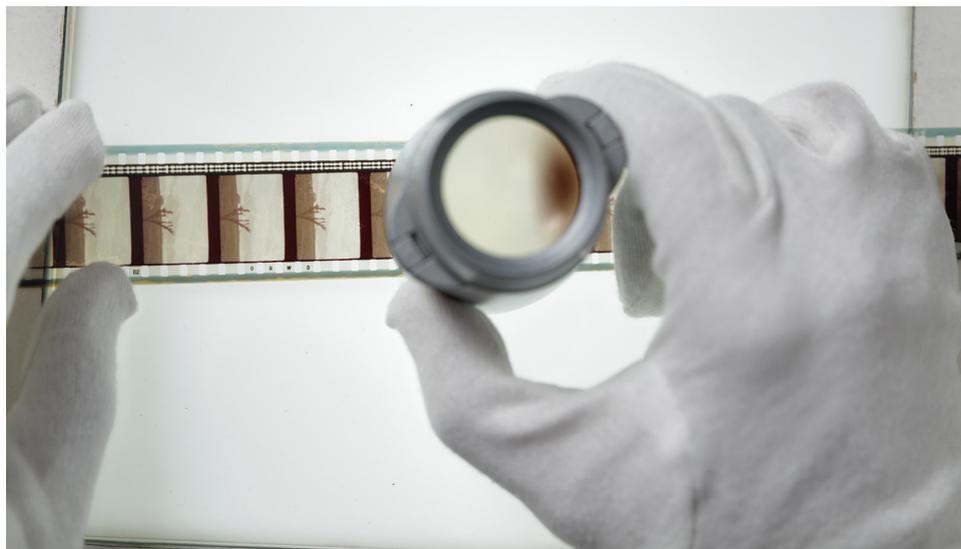
LAB
RESTAURAÇÃO

Foto: Deivyson Teixeira







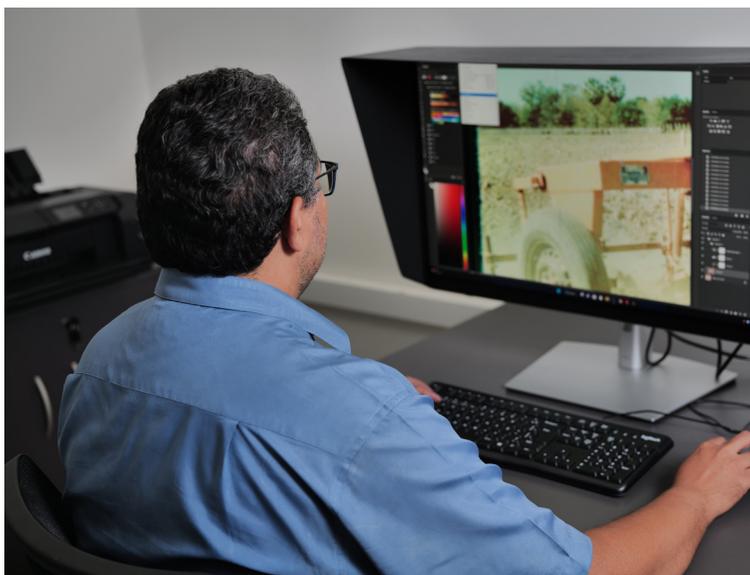


Fotos: Deivyson Teixeira



LAB DIGITAL





LAB IMPRESSÃO

Fotos: Deivyson Teixeira



Foto: Deivyson Teixeira



LAB DE SOM

Fotos: Deivyson Teixeira

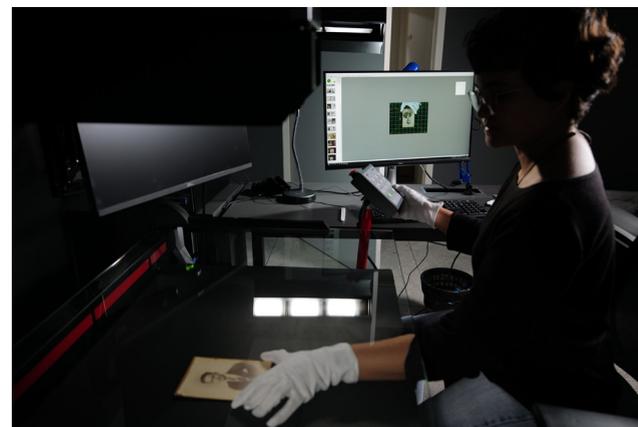
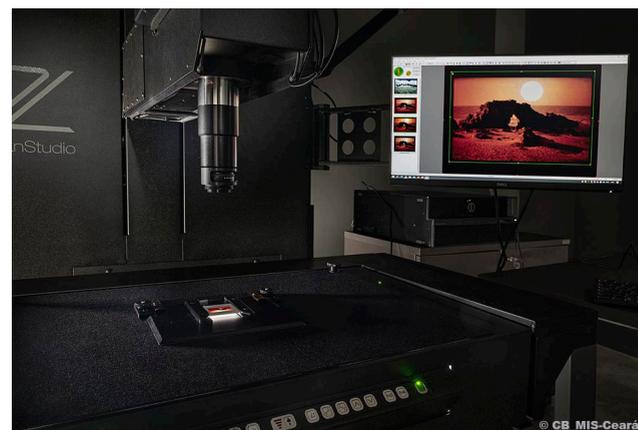




SCANNER



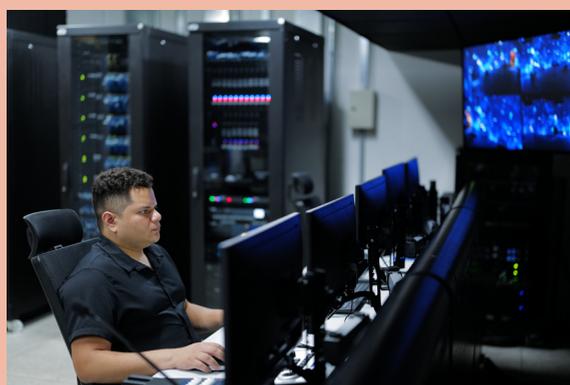
Fotos: Deivyson Teixeira e Cesar Barreto





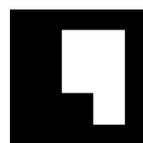
SALA DE **CONTROLE**

Fotos: Deivyson Teixeira



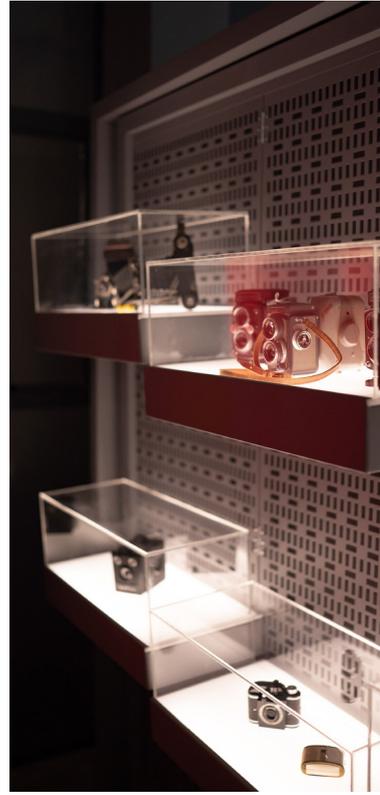
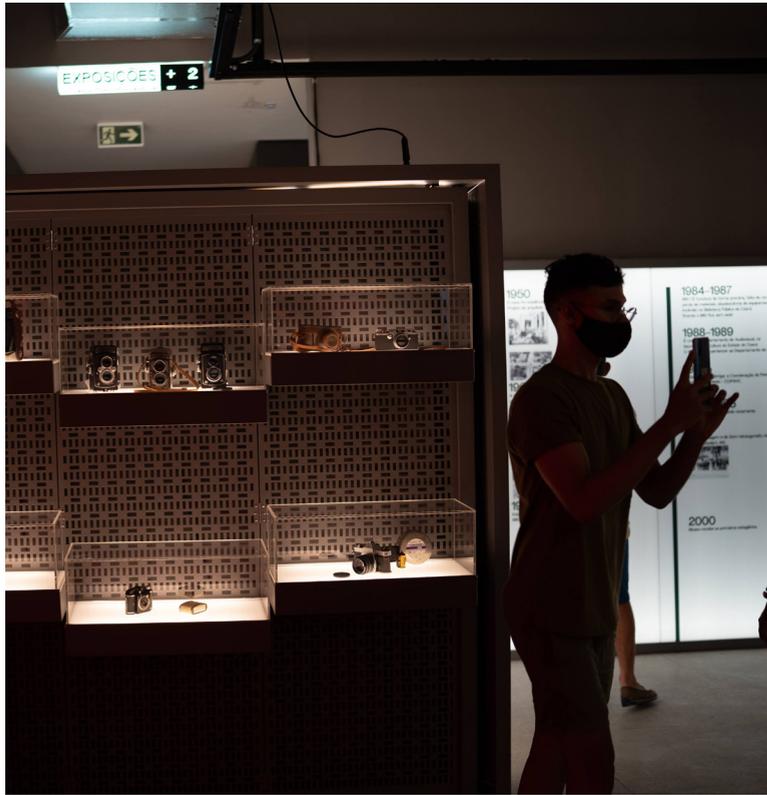


RESERVA
TÉCNICA



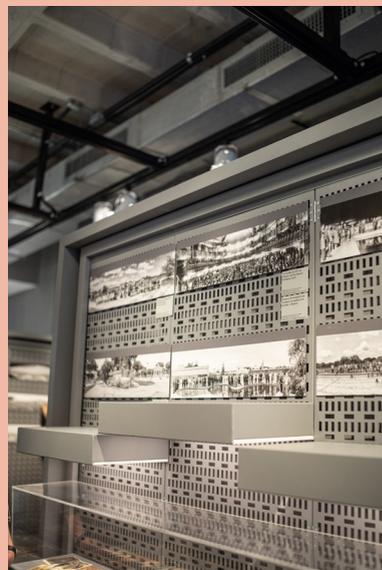
Fotos: Deivyson Teixeira



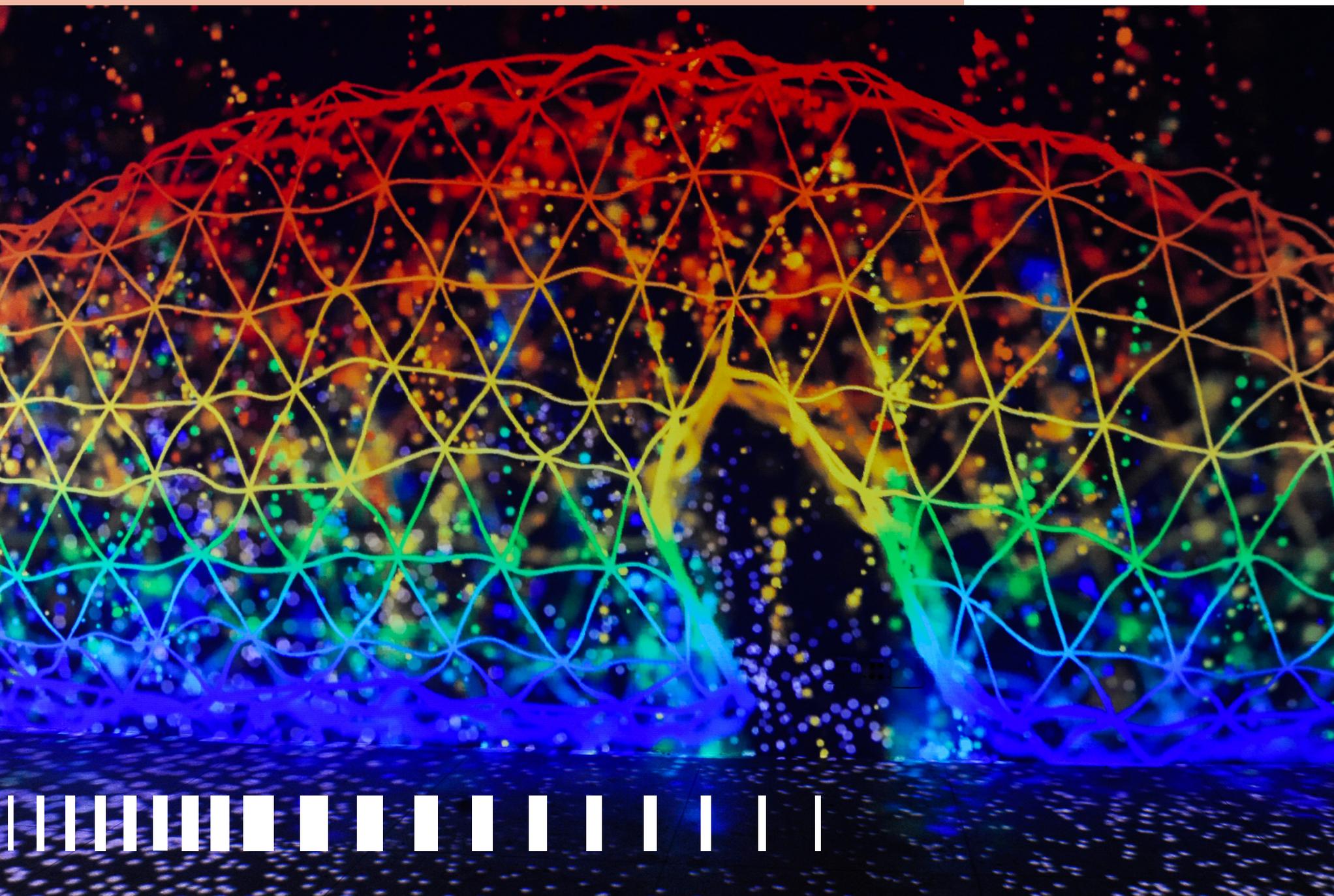




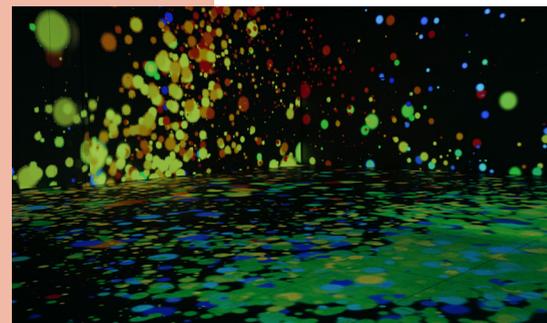
Fotos: Eduardo Abreu

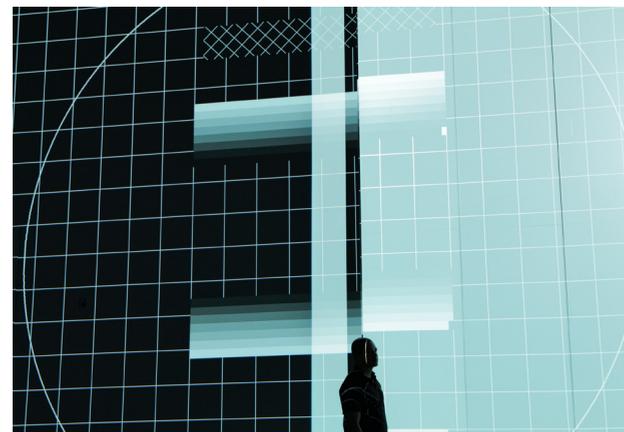
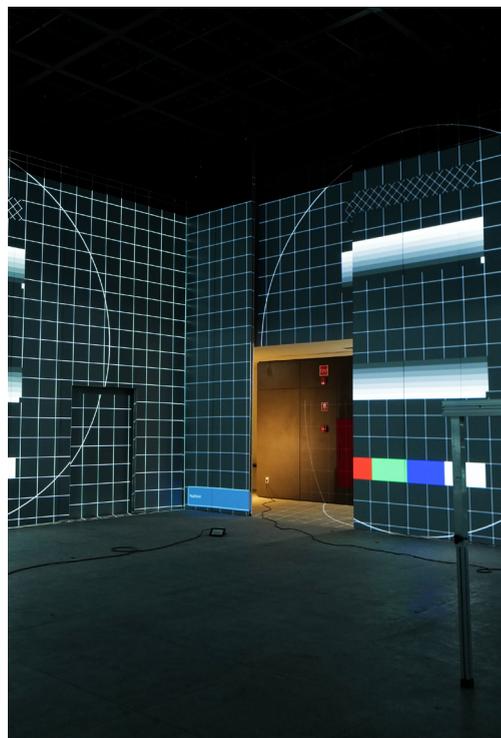
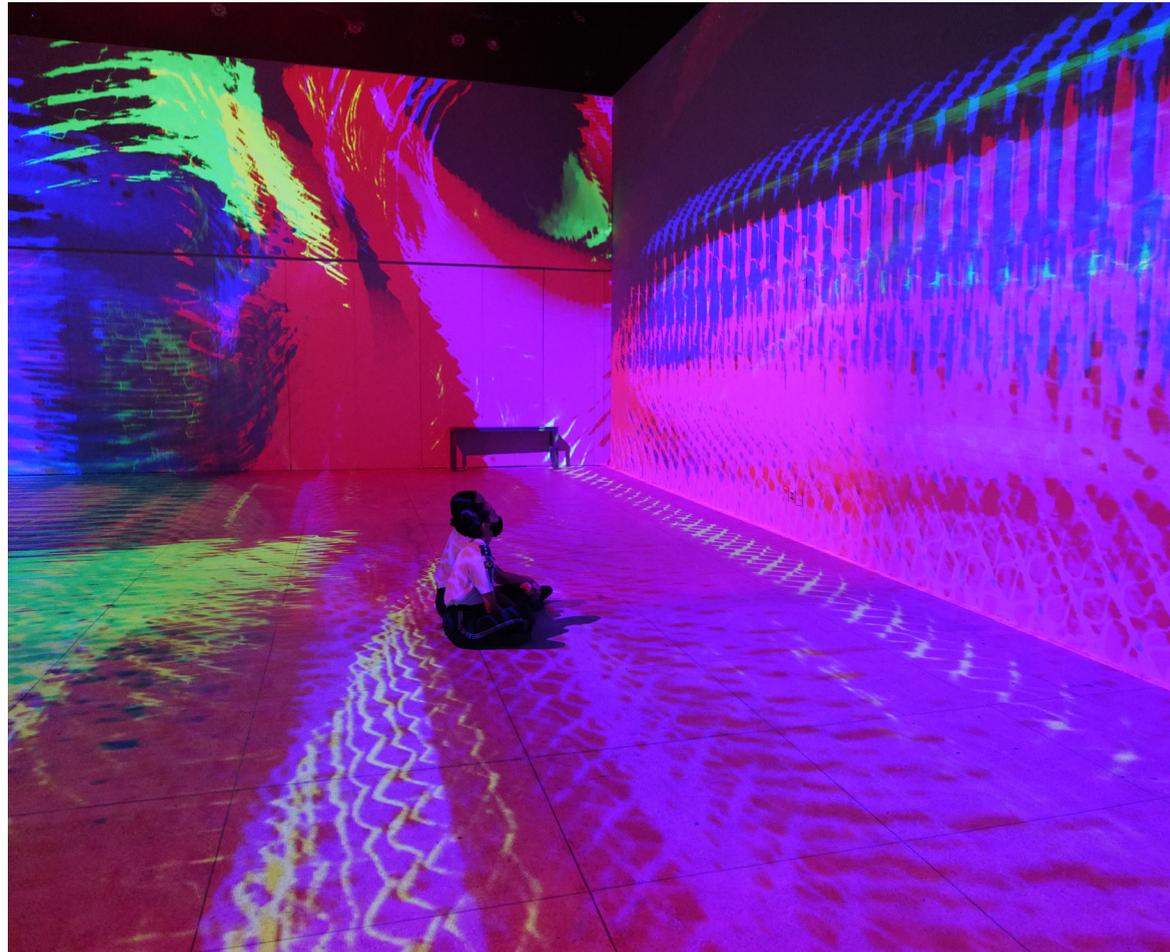


SALA DE EXPOSIÇÃO+2



SALA IMERSIVA





Fotos: Deivyson Teixeira





Fotos: Deivyson Teixeira

BIBLIOTECA







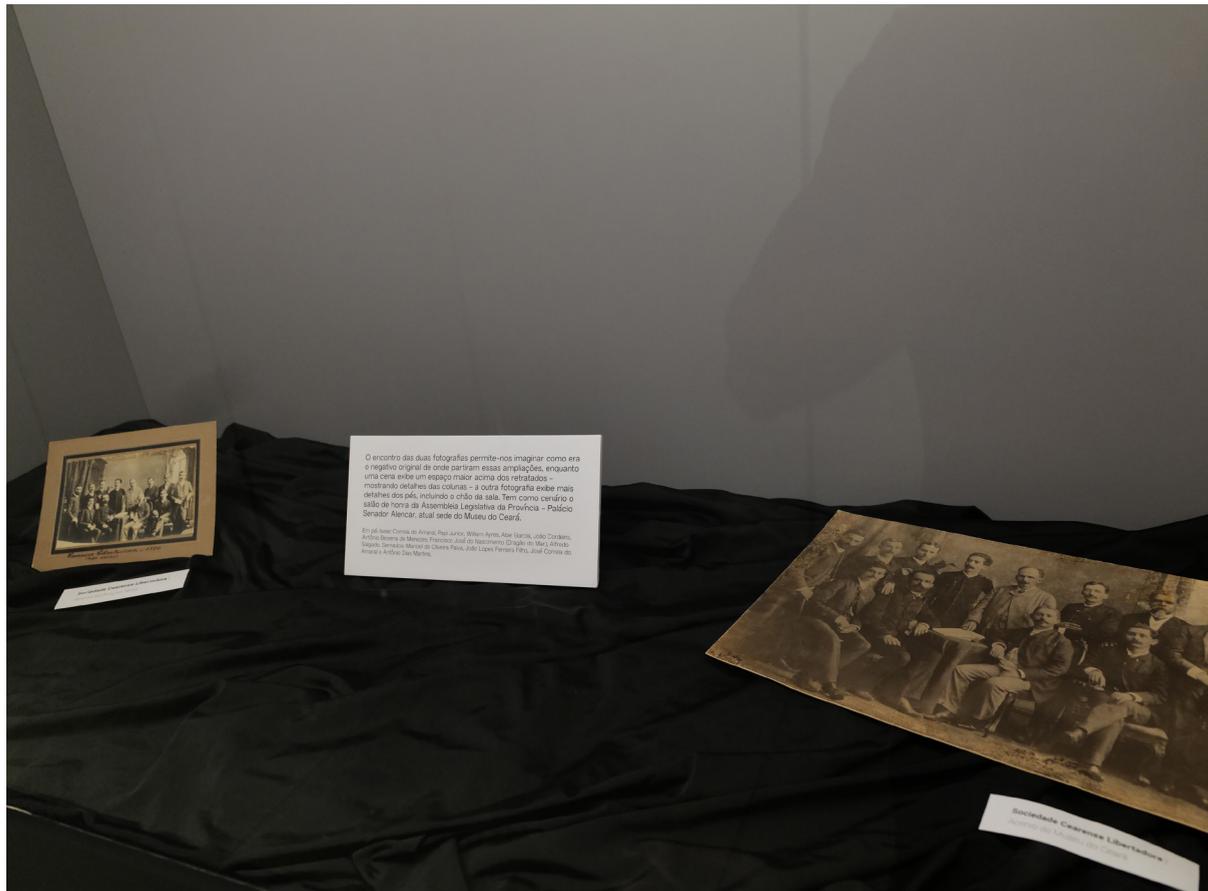
EXPOSIÇÃO **REVENDO**

CHICO

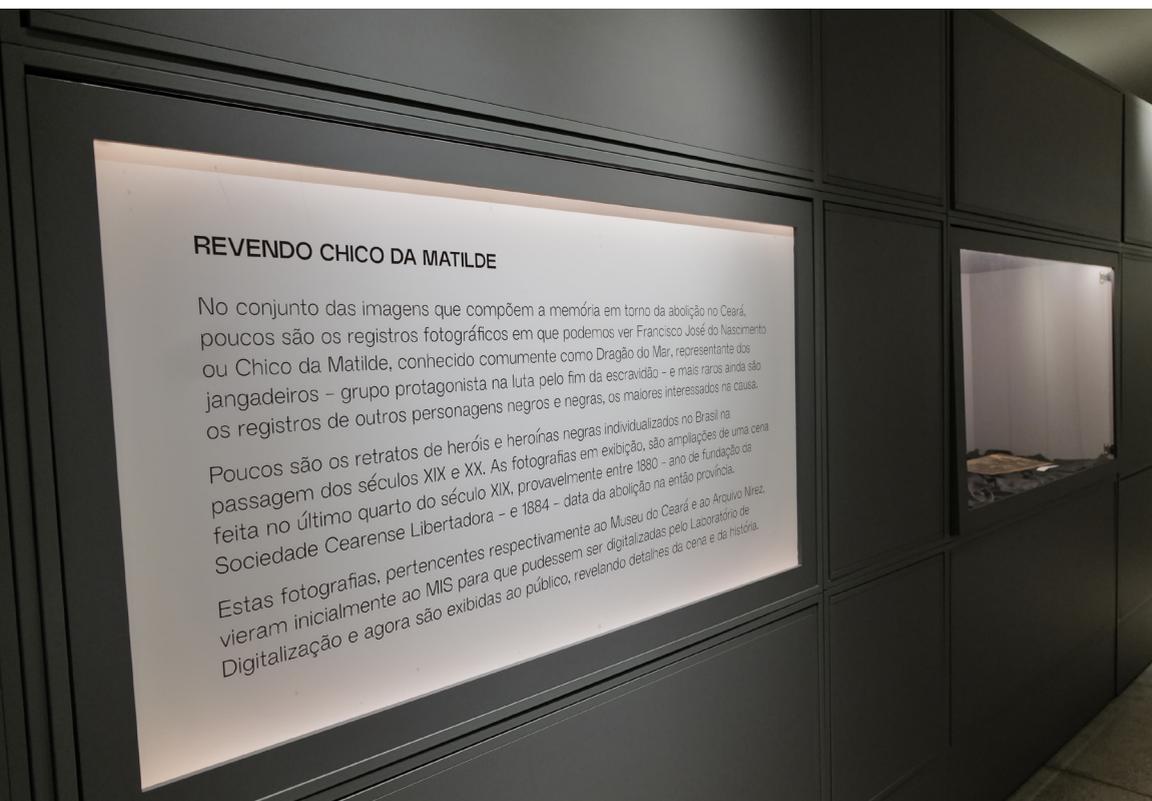
DA

MATILDE



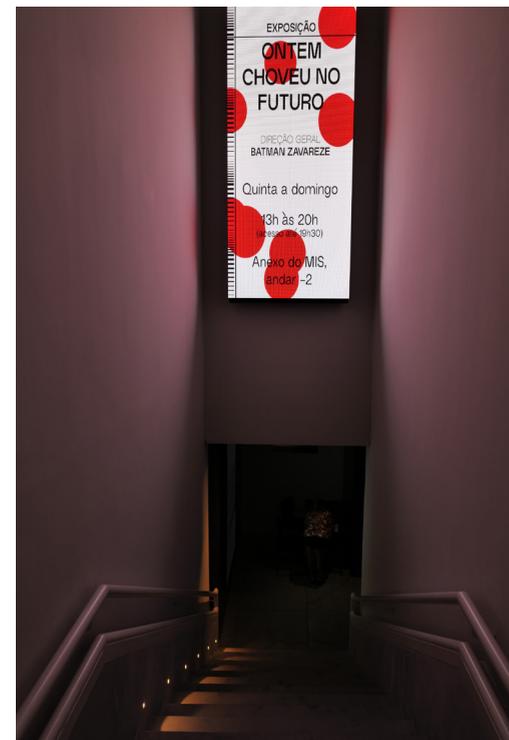
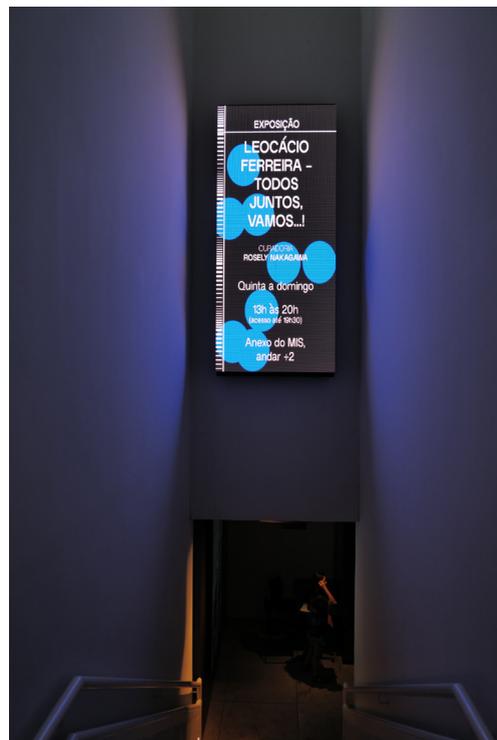


Fotos: Deivyson Teixeira





CORREDORES





Fotos: Deivyson Teixeira

MIS **CASARÃO**

Foto: Deivyson Teixeira





MUSEU DA MÚSICA E DO SOM

CEARÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA

LABORATÓRIO DOS SENTIDOS

Fotos: Eduardo Abreu e Deivyson Teixeira





| Pátio Interno



| Auditório



| Rampas Acessíveis

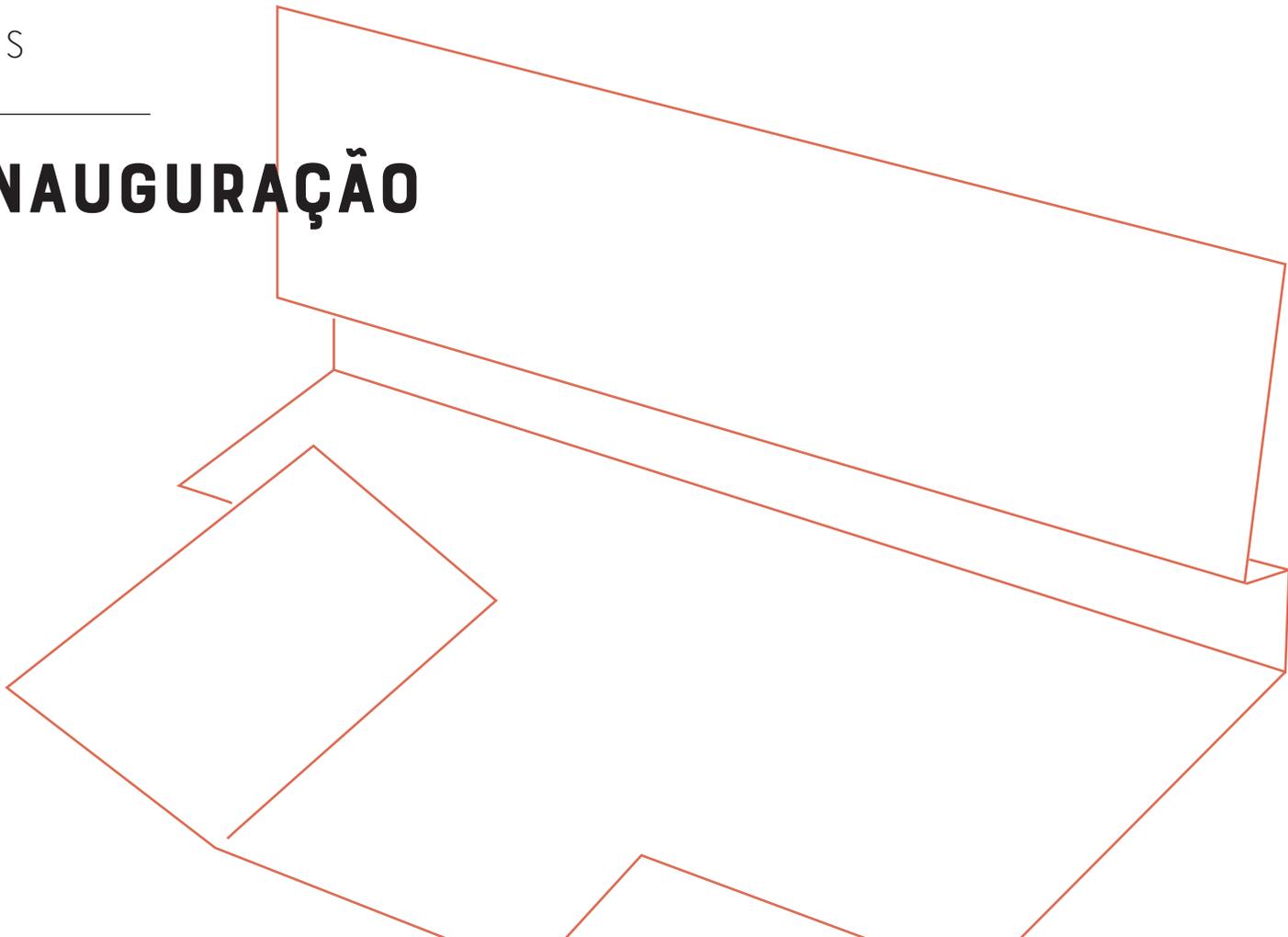


| Pátio Interno



MIS

INAUGURAÇÃO





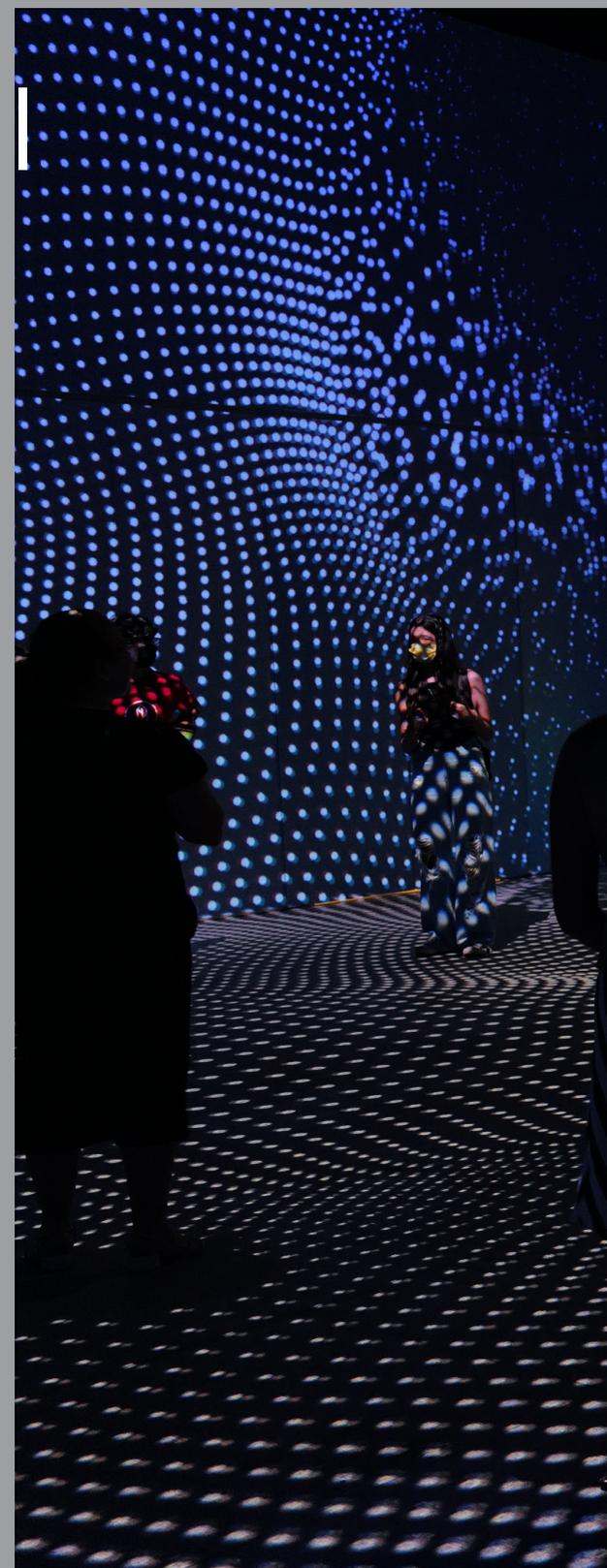


Fotos: Eduardo Abreu





DIFUSÃO/
AÇÃO CULTURAL



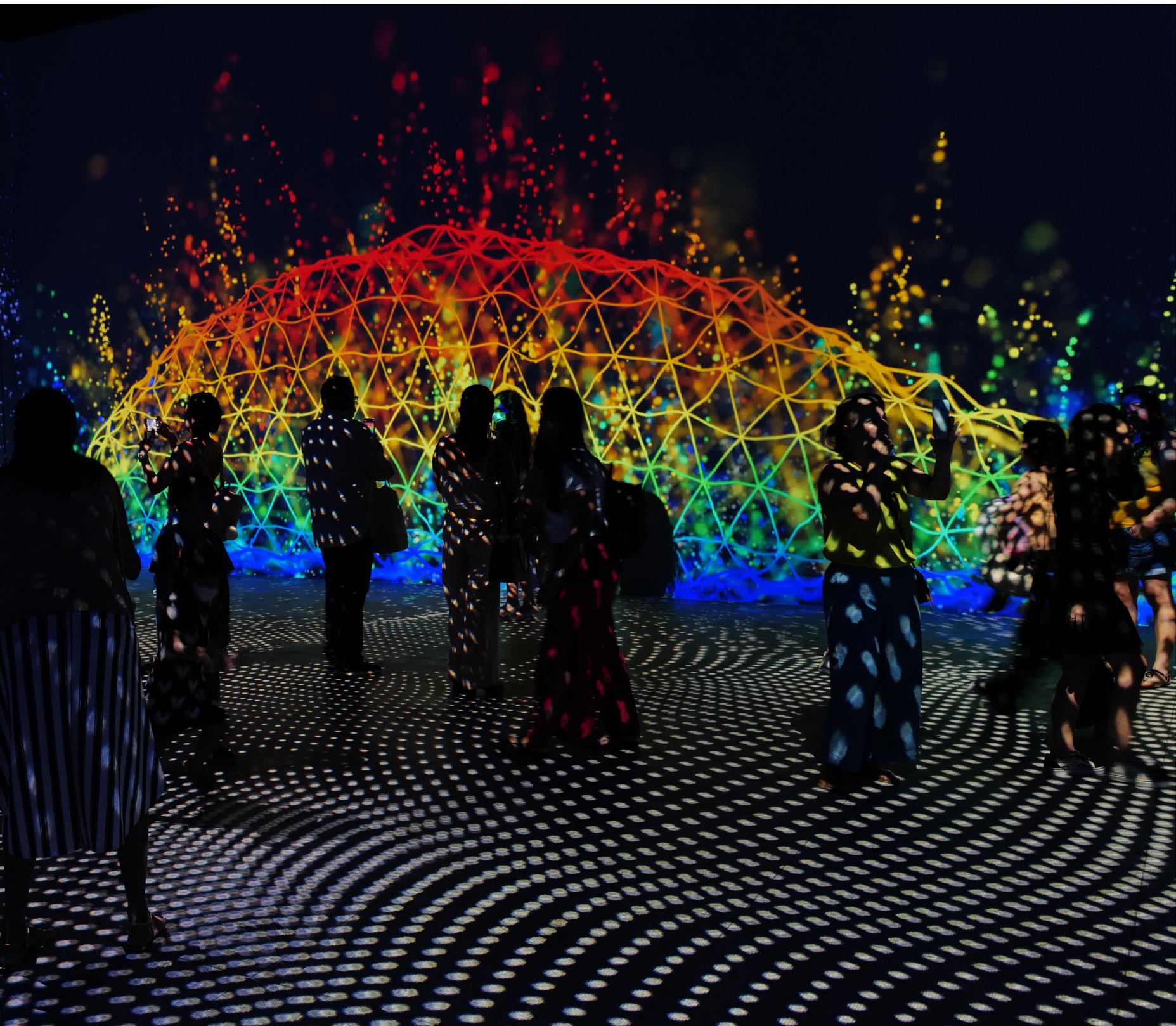


Foto: Deivyson Teixeira



Fotos: Deivyson Teixeira



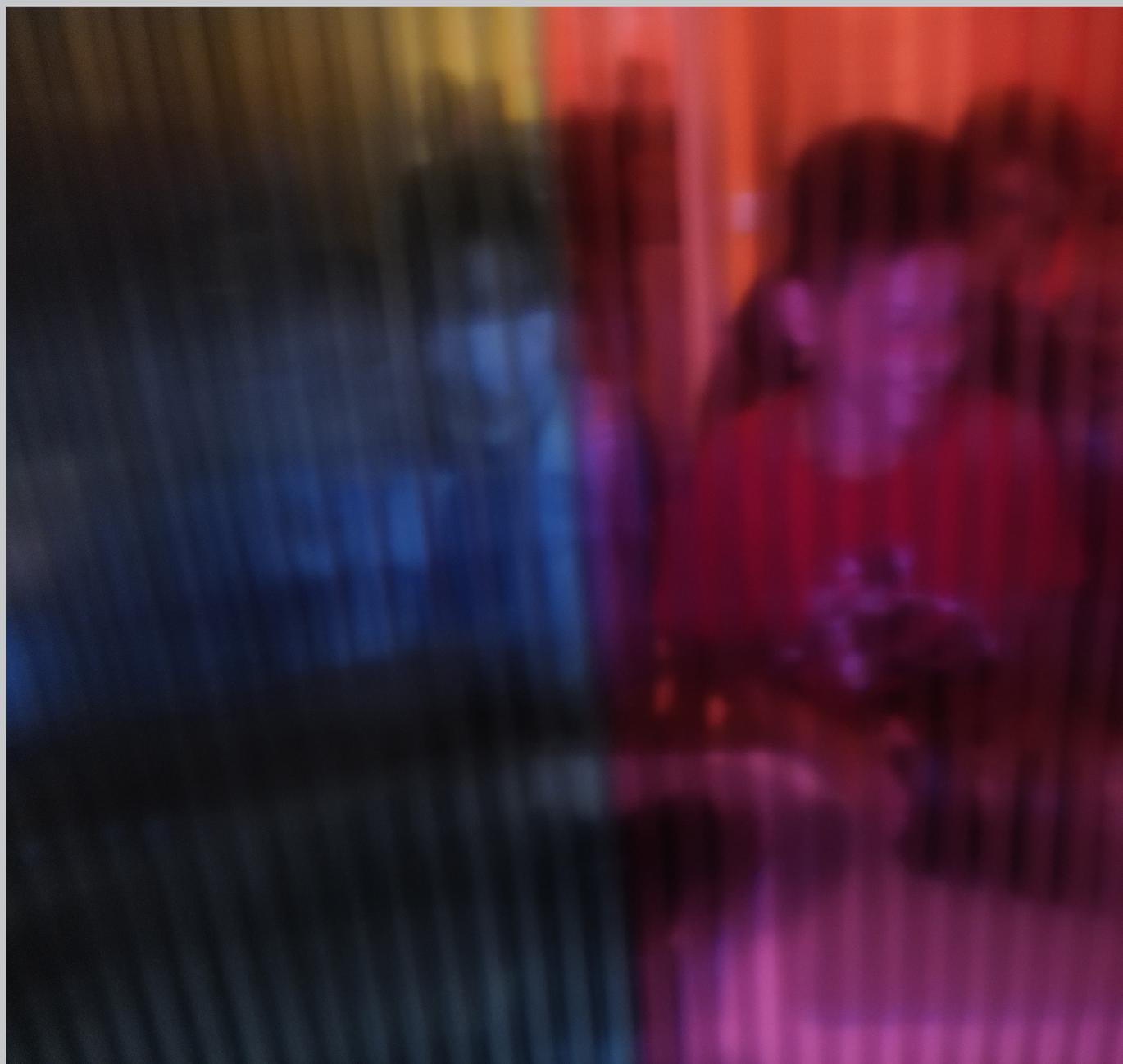




Fotos: Deivyson Teixeira



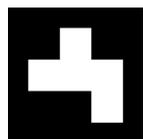
EDUCAÇÃO
E FORMAÇÃO





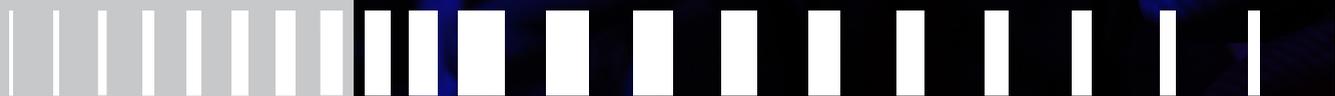
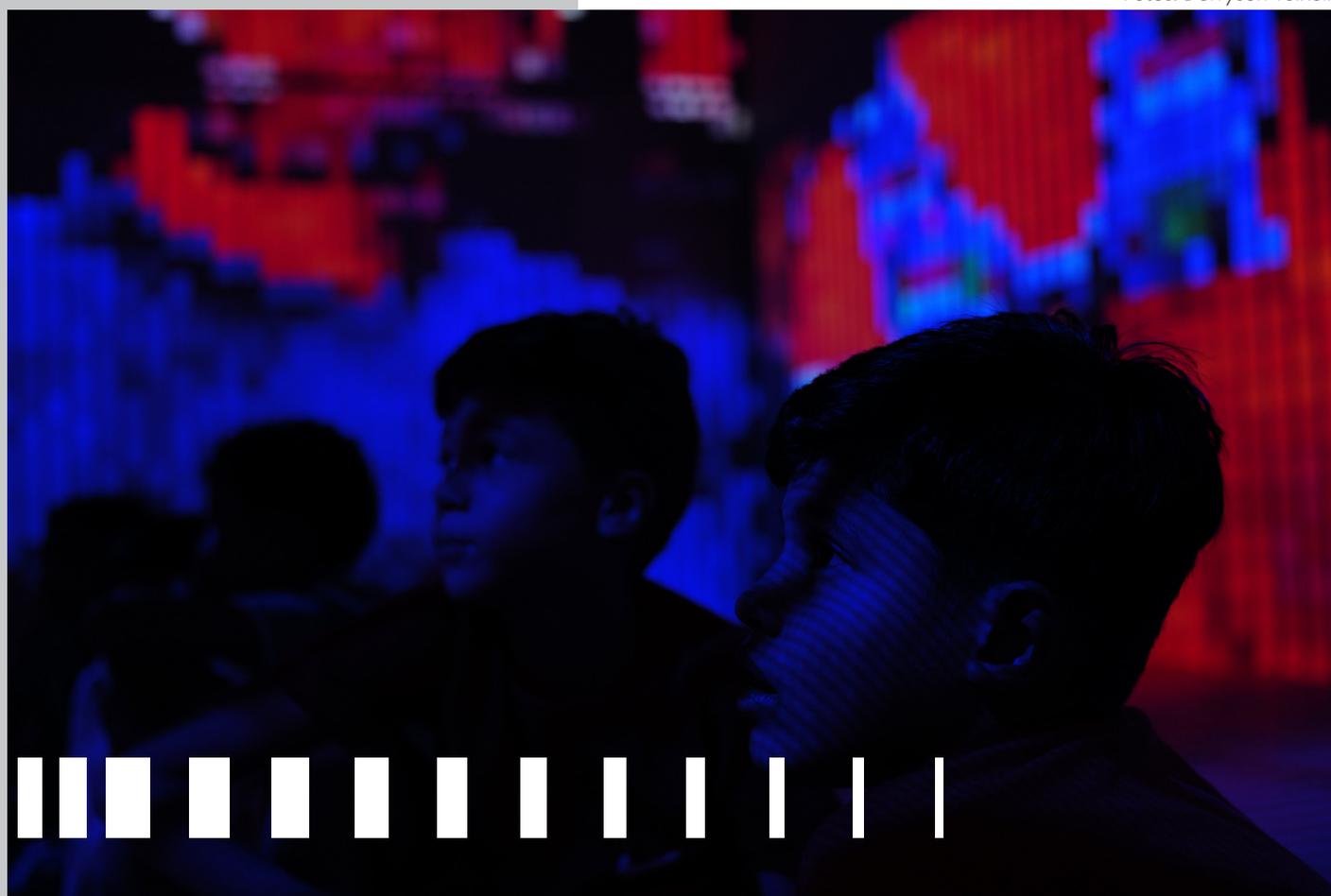
Fotos: Deivyson Teixeira







Fotos: Deivyson Teixeira



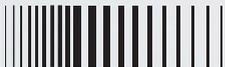




Fotos: Deivyson Teixeira



instituto
mirante

M  S

MUSEU
DA IMAGEM
E DO SOM
CE

ceará
cultura
SECULT



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA